

RAÇAS E LINGUAS INDIGENAS

EM

MOÇAMBIQUE

MEMORIA APRESENTADA AO CONGRESSO COLONIAL NACIONAL

POR

AYRES D'ORNELLAS



LISEDA

A LIBERAL — *Offina Typographica*

216 = RUA DE SP PAULO = 216

Este trabalho deveria talvez antes chamar-se Introducção ao Estudo das Raças indígenas na Provincia de Moçambique — mas mesmo sob este ponto de vista precisava em parte mais desenvolvido. Não sendo mais que uma coordenação d'apontamentos parece-me preferivel dar-lhe o titulo com que sahe a lume. Mais do que ninguem sentimos as numerosas falhas que apresenta; nem tencionavamos publical-o senão fosse o desejo de contribuir d'alguma forma para o 1.º congresso colonial nacional. Em tres annos, pouco mais, de permanencia em Moçambique, mal tivemos vagar de começar o estudo, que reputamos essencial, das raças que a habitam, quer sob o ponto de vista do seu estado social, quer sob o da sua lingua ou dialecto. Sem esse conhecimento, legislar-se-ha sempre no ar. Mas talvez a sua leitura anime alguém a completar aqui ou acolá os pontos em que me vi forçado a apenas tocar; ou a emendar as opiniões que apenas tambem pude indicar. E esse resultado será justificação bastante de o ter tentado.

Raças e linguas indigenas em Moçambique

Os indigenas encontrados por Vasco da Gama na bahia de Santa Helena e na Aguada de S. Braz, ¹ eram, diz o Roteiro, homens *baços*, pequenos de corpo, cobertos de pelles e tinham muito gado, carneiros e bois. No Rio do Cobre, Aguada da Boa Paz ² e Rio dos Bons Signaes os homens e mulheres eram *negros* e de grandes corpos. São as primeiras indicações européas que possuímos ácerca dos habitadores da Africa Austral e são na sua concisão sufficientes para differençar as raças aborígenes, *bushmen* e *hottentotes*, que habitavam ainda toda a Costa, do Natal ao Cabo, da raça negra invasora ou *bantu* cujas avançadas chegavam n'essa época á bahia de Lourenço Marques.

O aborígene da Africa Austral é um dos selvagens de mais baixo typo conhecidos na especie humana. Pígemeus no tamanho, amarello-pardo (baços) na côr, o cabello salpicado na cabeça em tufos de carapinha, untados de gordura, cobrindo a sua nudez

¹ Ou Angra dos Vaqueiros, Mossel Bay.

² Segundo o Roteiro e Cantanheda, o rio de Cobre foi descoberto a 10 de janeiro. Barros fal-o descobrir a 6 e dá-lhe o nome de Rio dos Reis. Com os dois nomes figura indistinctamente em antigas cartas. Theal identifica-o com o Limpopo. Quintella diz que é o mesmo que a Aguada da Boa Paz ou terra da Boa gente; e accrescenta: *é um rio pequeno em que não podem entrar navios*. O que nos faz crer que seja o rio Zavalla. V. Theal The Portuguese in South Africa Pg. 90 E Quintella Annaes da Marinha Portugueza, T. I, Pg. 241, e nota 2.

com uma pequena pelle, a sua apparencia era das mais repellentes das que os nossos navegadores então encontraram. O seu unico animal domestico era o cão, não cultivavam o solo, viviam da caça, de mel selvagem e de gafanhotos e sem governo algum, nem mesmo reunidos em familias, desde que se bastavam a si proprios, vagueavam dispersos e espalhados por uma immensa região desde as mais remotas eras da humanidade.

Mais tarde outra classe de seres humanos appareceu entre elles. Donde vinham e como alcançaram a Africa Austral é impossivel saber-o. Só é licito afirmar que o tempo decorrido até nós desde a sua appareição é muito inferior áquelle em que o Bushman, vivera só. E o que parece provavel é que da união dos homens d'essa raça com as mulheres Bushmen, nasceu o povo, que os Europeus chamaram Hottentotes. *Khoi Khoi* (homens dos homens) se chamavam a si proprios, orgulhosos da sua superioridade sobre a raça que encontraram. Mas aos olhos dos Europeus não eram grandes as differenças entre elles, apesar de valer a pena insistir nellas. Se eram da mesma côr, eram maiores, mais bem feitos, ou antes de forma menos *simiesca*, as suas orelhas tinham lobulos, o que os Bushmen não possuiam, apascentavam manadas de bois e rebanhos de carneiros de que se sustentavam, tinham galinhas e estavam já organisados em tribus ainda que a autoridade do chefe era pouco respeitada. O seu armamento não constava apenas do arco e settas dos Bushmen, mas tinham já a azagaia e a maça. Conheciam já o ferro e o usavam nas pontas das settas e azagaias. ¹

A sua linguagem tambem differia da dos Bushmen, não só nas palavras mas tambem na construcção. Os estalidos (*cliks*) não eram tão numerosos, não tinham os sons gutturaes fundos que caracterisavam a dos primeiros. Inflectia-se por meio de afixos, tinha tres numeros, singular, dual e plural e o seu systema de numeração era o decimal e era regular até 100. ²

¹ Em Africa não se conhece pois intermedio entre a edade da pedra *lascada* e do *ferro*. Falta a edade da pedra polida e a do bronze.

² E' curioso ver como em Camões se achavam diferenciadas estas duas raças nos pontos em que primeiro as encontramos, bahia de Santa Helena e Aguada de S. Braz. Foi na primeira que teve logar o conhecido episodio de Velloso, e nelle vemos notada a côr da pelle, a alimentação, a selvageria dos indigenas, o seu armamento...

Eis de meus companheiros rodeado
Vejo um estranho vir de pelle preta
Que tomaram por força emquanto apanha,
De mel os doces favos na montanha.

Est. XXVII — CANTO V

Torvado vem na vista.....
.....
Nem elle entende a nós nem nós a elle
Selvagem mais que o bruto Polyphemo

Ainda antes da chegada dos Europeus outra invasão humana descia para a Africa do Sul. Tribus numerosas d'um povo negro, physicamente forte, praticando a agricultura, conhecendo a metallurgia, sujeitos a um governo e a um codigo de usos e costumes, parece terem passado o Congo uns dois a tres seculos antes da era christan. Estas tribus faziam parte da grande familia Bantu, que occupava a Africa Central desde o Atlantico ao Indico. A sua descida porém do Congo para baixo foi muito vagarosa e quando Vasco da Gama subia a costa de Moçambique chegavam apenas a Lourenço Marques. Estas tribus, antepassados dos indigenas actuaes habitantes dessa costa, merecem mais cuidadoso estudo.

Qual era a distribuição dos primitivos habitantes d' Africa antes da apparição dos *bantu*?

Do Equador, ou pouco acima, até ao Cabo da Boa Esperança, espalhava-se dispersa uma população negroide, de typo inferior, de que os Bushmen e os Hottentotes são os representantes na Africa Austral. O Norte oriental africano, desde Marrocos ao Egypto e á actual costa dos Somalis era habitado pelos *Hamitas*, raça afim na origem e na lingua do typo semita, mas que se pode considerar originada n'uma variedade superior das especies negriticas, de cujo typo fundamental se tinha já muito antes separado o grupo bushman-hottentote. Nas linguas d'este grupo, especialmente no ramo hottentote, tem os philologos encontrado affinidades aindaque remotas com a estrutura das linguas hamitas.

.....

 A nada d'isto o bruto se movia

Est. XXVIII

De espessa nuvem settas e pedradas
 Chovem sobre nós.....

Est. XXXII

Pelle preta, da est. XXVII, está naturalmente para rimar com *secreta* do 4.º verso da mesma estrophe. O autor do roteiro que não estava obrigado á rima diz positivamente e mais d'uma vez que eram *baços* e acrescenta — parecidos com Samxo Mixia — Parece-me que se está d'aqui a vêr por esta observação como seria *toureado* o pobre Sancho Mixia com tal pareença. No mesmo canto, dobrado o Adamastôr, canta o poeta o desembarque no Aguada, de S. Braz e diz:

— A gente que esta terra possuia,
 Posto que todos Ethiopes eram
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam.

A occidente d'estes, entre o Sahara, o Atlantico, as florestas do Congo e talvez o valle do Nilo, habitava uma raça de negros (pretos) verdadeiros, mais perto na origem dos bushmen do que dos hamitas, isto e, mais cedo diferenciada do typo negritico.

Aqui e acolá estas diversas variedades misturaram-se produzindo raças superiores ao negro puro, como os Nubios, os Somalis, os Falba, que estabelecem para assim dizer o limite entre o hamita e o negro. E quando estes invadiram a parte sul do continente africano, levaram comsigo a cultura, os animaes e plantas domesticas que tinham indirectamente derivado do Egypto.

Estes negros invasores parece terem sahido do proprio coração da Africa, ao Norte da Bacia do Congo, ao Sul do Shari. a oeste do Nilo e a leste do Benué. Fallavam uma lingua notavel pela importancia dos seus prefixos na construcção grammatical e na classificação das palavras. Esta archaica lingua bantu ¹ devia ter estreito parentesco com a dos Fulahs, com as linguas do Darfur, e até com o Hansa, que é a lingua-união entre os hamitas e as dos negros. E esta lingua é tambem symptoma da sua civilização bem superior á das limitrophes especies negras, e explica como rapidamente se espalhou por toda a Africa austral, absorvendo ou exterminando as das populações antecedentes.

A data da sua invasão, ou melhor da sua apparição na Africa ao sul do Congo, pode ser proximamente fixada: quasi todos,

Com bailes e com festas d'alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam, gordo e bem criado,

Est. LXII

As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, alli sentadas,
Animaes que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima
Na sua lingua cantam concertados
C'o doce som das rusticas avenas
Imitando de Tityro as Camenas

Est. LXIII

Estes como na vista prazenteiros
fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos galinhas, e carneiros,
.....

Est. LXIV

Estas estancias vem traduzidas em inglez no — *Official Hand book of the Cape and South Africa*, Pg. 391 no principio do capitulo — *Native races* — prestando assim homenagem á precisa descripção do epico.

¹ *Bantu* é o nome dado a este grupo de linguas pelo 1.º philologo que os estudou, Bleck. *Mu-ntu*, pessoa, *ba-ntu*, gente. E' um exemplo do systema dos prefixos.

senão todos os povos bantu tem o mesmo radical exprimindo a palavra — galinha — ora, observa sir Harry Johnstone, ¹ para que uma palavra tenha a mesma significação desde a Zululandia, ao Congo, aos Camarões, aos Nyanza, é preciso que essa palavra existisse na lingua commum antes da dispersão ou separação das tribus. Mas a galinha entrou no Egypto sob o dominio Persa, 400 annos antes da era christian; os *bantu* devem pois ter começado a sua migração ha cerca de 2000 annos.

A causa d'esta migração foi naturalmente uma invasão: é factó que o seu primitivo *habitat* é hoje occupado por negros que não são bantu, apezar das suas linguas terem ainda com ella uma vaga afinidade. Demorado ou sustado pelas densas florestas do Congo, o movimento dos bantu desenhou-se primeiro para leste; alcançando o Alberto Nyanza, o corpo principal seguiu para o sul, e n'esta direcção persistiu até ao extremo do continente, destacando os seus ramos para as duas costas. As mais antigas linguas bantu, ki-rega, ki-guha, ki-emba, Ci-bisa, Izi-zulu, marcam bem a directriz da invasão principal, e assim com a excepção do bushman-hotenttot com o seu *habitat* cada vez mais reduzido, uma só familia linguistica se espalhou por toda a immensa area africana que se estende ao sul d'uma linha sahida da costa occidental, entre os Camarões e o Cross River, orlando pelo norte a bacia do Congo, atravessando o Alberto Nyanza, alcançando o Victoria na sua extremidade norte e cortando da sua ponta sueste para a costa do Indico que toca em Lama.

O grau de adiantamento ou de civilisação d'esta grande raça invasora era innegavelmente muito superior ao d'aquella que encontrou. Mas esta invasão deu-se, por assim dizer, por abalos successivos. O estado instavel e fluctuante em que ainda hoje vemos as populações negras, as suas luctas continuas, as suas continuas migrações, talvez ainda successão das que se deram em remotissimas épocas, tudo nos mostra a impossibilidade de ir muito longe n'esta tentativa de coordenação de hypotheses historicas. Pouco mais tambem podemos adiantar sobre o conhecimento das civilisações d'essas raças. O estudo das linguas, d'alguma confusa tradicção, algumas ruinas, narrações d'antigos povos, podem-nos porém revelar que alguns estados negros tinham ha cinco ou seis seculos um grau mais elevado de cultura do que o geral hoje n'essa raça. Mas entre a época de *hypotheses historicas* e os cinco ou seis seculos atraz, de que fallamos, medeia um espaço immenso, que só se póde um pouco preencher indo procurar quaes as relações entre a raça negra na costa oriental d'Africa, e o mundo exterior.

«O estudo das actuaes populações da Africa Oriental, prova, diz Maury, ² que desde uma epocha que se perde na noite dos

¹ British Central Africa—Pag. 480—Todo este esboço historico é extrahido desta obra preciosa.

² La Terre et l'homme.—Pg. 408.

tempos, foram muitas e muito importantes as suas relações com a Arabia.» E assim devia ser: a provincia arabica estava admiravelmente situada para ser um entreposto commercial. O mar Roxo, correndo ao longo da sua costa occidental, permittia-lhe unir o commercio do hemispherio sul ao do norte. Ao oriente o Golfo Persico era o caminho do commercio da Asia. Entre estes dois abria-se o Oceano Indico e logo, sahindo o Estreito, a costa d'Africa correndo para o sul. Além d'isto, a aridez do solo, onde só é fertil uma parte relativamente pequena, impellia os habitadores á navegação e ao commercio. Como os Phenicios foram os navegadores do hemispherio norte, foram-n'o os Arabes, do sul. E por esses mares, conhecendo as monções, ¹ foram descendo a costa d'Africa até Sofala e ao Cabo Correntes. ² Conquistado Edom por Salomão, foi no porto de Ezion Gaber, no golfo d'Elath, na raiz do mar Roxo, que as frotas guarnecidas pelos marinheiros de Hiram, rei de Tyro, partiam para *Ophir* a buscar oiro. Mas o oiro d'Ophir era conhecido na Idumeia já antes dos tempos de David: não foram, pois, as frotas de Hiram que o descobriram; a posição geographica da região, o caminho das minas d'oiro foi-lhes ensinado pelos arabes.

Hoje é fóra de duvida que esse *Ophir* onde as frotas de Salomão iam buscar oiro era a parte sul da costa Oriental d'Africa, a região do monomatapa, a actual Mashona, cujo porto era Sofala como hoje o é a Beira. ³ E os estudos e as investigações modernas não fizeram senão confirmar o que no tempo de Fr. João dos Santos era tradição corrente ⁴ Foram, portanto da Arabia os constructores dos *Zimbaué* a que elle se refere e que moderadamente redescobertos por Mauch deram logar a tantos estudos ⁵

¹ Para os navegadores do norte as monções foram descobertas por Hippalus, no anno 47 D. C. Mas é inacreditavel que navegadores tão sagazes como os arabes, navegando aquelles mares desde seculos, as não conhecessem. Antes a ignorancia dos navegadores do norte seria um exemplo do ciume com que esse segredo era guardado,

² Não foram mais para o sul, não passaram além, porque, como diz João de Barros, os seus barcos pouco ligados, cosidos com cairo, imperfeitamente aparelhados resistiriam mal aos ventos variaveis, aos fortes rilheiros d'agua e aos mares grossos do sul,—C. de Ficalho Viagens de P. da Covilhan. Pg. 99.

³ Wilmot, Monomatapa, pg. 82 e seguintes, resume perfeitamente a questão. E' preciso não esquecer que a palavra *Ophir* é generica, tal como *Tharsis* e significa qualquer região rica. Não é pois impossivel que houvesse outros *Ophir*, ainda que o facto de a este se ir buscar oiro e marfim, além do tempo indicado para a viagem, torna difficil collocar-o fóra da região Sofala-Monomatapa.

⁴ Ethiopia Oriental, Parte 1.^a, Liv. II, Cap. XI e XII. —A' montanha *Fura* a que elle se refere, chamou Selous Mount Darwin. Na actual Mashona fica no alto Mazoe, uma das regiões auríferas em exploração.—Vide Selous, Travels and a ventures in South East Africa.—Pg. 286.

⁵ Theodore Bent.—The ruined cities of mashonaland e Wilmot.—Monomatapa, its monuments and its history, são as duas obras principaes. São concordes em que os constructores dos *Zimbaué* vieram da Arabia Meridional talvez 2.000 annos A. C.

Não é fácil, porém saber do grau de civilização d'esse povo. Bent e Swan parecem inclinar-se a que já a possuíam em grau elevado. Selous suppõe, pelo contrario, a sua rudeza, deduzindo-a do facto de não conhecerem a escripta e terem ainda o culto das pedras. Seja como for, o que é certo é que é preciso subir a uma remota antiguidade para achar a data da primeira incursão de arabes sabeus no interior da Africa Oriental. ¹ Como hoje ainda succede, estes arabes não traziam mulheres comsigo, e tomavam-n'as certamente d'entre a raça negra aborigene. Durante um longo periodo tiveram logar estas relações com a Arabia e esses *prospectors* d'ouro foram-se espalhando entre o Zambeze e o Limpopo, misturando-se cada vez mais com os indigenas e ensinando-lhes as suas artes de mineiros e constructores de muros.

Durante o Imperio Romano os navegadores do mar Vermelho parece terem abandonado a Costa d' Africa. Justiniano mandou embaixadores ao Yemen com o fim de impedir que o monopolio do commercio das sedas cahisse nas mãos dos Persas. Mas estes, no tempo de Chosroes o Grande, tinham nas suas mãos a parte principal do commercio arabe. Conforme o seu poder e influencia, as diversas nações iam-se aproveitando da situação geographica do Yemen e serviam-se dos seu portos como entrepostos. E iam effectuando alli o seu commercio em perfeita liberdade e sem a menor interferencia da auctoridade arabe. Cosmos Indico-pleustes, escrevendo no 1.º seculo da nossa era, diz-nos que no seu tempo os navegadores do mar Vermelho já nem se atreviam ao mar dos Zindj. ² A apparição de Mahomet, a natureza da sua religião, a rapidez espantosa da sua propagação, mudaram porém completamente este estado de cousas, e é necessario ver como as relações se reataram entre os dois continentes, como se estreitaram e o pé em que se achavam quando nós lá aportámos.

Quando Mahomet morreu (632) apenas o islamismo se tinha radicado na Arabia. Menos d'um seculo depois atravessava os Pyreneus e só recuava em França, ao embate do montante de Carlos Martel (732). Um tão espantoso desenvolvimento, uma tal energia de proselytismo tem feito o assombro dos que a tem estudado, e as causas podem talvez resumir-se na que aponta um dos modernos escriptores catholicos. ³ «Os que acreditaram em Mahomet eram homens sinceros e rectos, com bom senso e intelligencia. Os seus primeiros chefes nunca foram inferiores á tarefa que lhes coube em sorte: o desenvolvimento e o governo de um

¹ Schlitter parece ter provado que entre a era christan e a hegira não houve communicações entre os habitantes da Arabia Meridional e os da costa oriental d' Africa.—V, Selous, Travels and a ventures, Pg. 331.—Ainda que essa affirmacão pareça absoluta é innegavel que houve uma muito sensivel diminuicão de relações. As noções a respeito d' Africa obliteram-se n'esse sentido.

² *Zingis* ou *Zingium* é o nome antigo dos negros em Ptolomeu. D'ahi fizeram os arabes *Zindj*.—D'onde *Zanzi-bar*.

³ Abbé de Broglie. Problèmes et conclusions de l'histoire des religions.

imperio immenso. Foram firmes e justos, sobrios e energicos, e em geral infinitamente superiores, aos chefes e aos governos christãos que combatiam.»

A maior resistencia á sua predica encontrou-a Mahomet na Arabia barbara e idolatra. Aferradas ao culto dos antepassados as tribus tradicionalistas luctavam pelos seus idolos e pela sua independencia, recusando-se aceitar o Alcorão. Constituir a unidade arabe, fazer desses nomadas uma nação, foi a obra mais difficil do propheta; mas a unificação das tribus não se fez sem muita lucta intestina, sem muita effusão de sangue, que antigas rivalidades e velhos odios prolongaram com crueis represalias muito depois da morte de Mahomet. 739 annos depois de Christo, pouco mais de um seculo depois da Hegira, um grupo de islamitas batidos, os *Emozaidas*, deixavam a Arabia sob o commando de Zaid, neto de Ali, e estabeleciam-se na costa oriental d' Africa. Mas as luctas religiosas ainda ali continuaram entre elles e foram pouco a pouco retirando-se para o interior e misturando-se com os indigenas.

Cerca de 930 outra leva de Arabes sob o commando de sete irmãos fundava *Moguedchou* (Magadoxo) e pouco depois Bravua (Brava) fugindo ás perseguições do Sultão de Baharem. Setenta annos depois o filho de um sultão moiro de Schiraz fundava Quiloa e os Arabes estabeleciam-se em Sofala d'ahi a cousa d'um seculo. Já então tinha Quiloa o predominio sobre os outros estabelecimentos da Costa, e á fundação da feitoria de Sofala seguiu-se bem depressa a de outra no interior de Monomatapa; assim o monopolio do commercio do oiro ficou seguro em Quiloa até que nós a expoliamos d'elle.

Entre a Arabia, porém, e o Monomatapa não existia laço algum *colonial*; nem aos estabelecimentos arabes da costa cabe o nome de *colonias* no sentido moderno. Fundado um d'elles, os emigrantes governavam-se independentemente da mãe patria, sem outro laço que o da religião e o do nome *arabe*, que lançado em todo o universo pelas conquistas do Alcorão se ia tornando em todo o dominio islamita o mais bello titulo de gloria. E assim os que se iam convertendo á nova religião ou os que ella ia conquistando, ambicionavam um nome que os relacionasse com as tribus primitivas da Peninsula arabica e assim o nome *arabe* veio a comprehender na historia povos e civilizações que com os *verdadeiros* arabes só tinham de commum a fé religiosa.

Mas se não havia *colonias* no sentido actual da palavra, havia relações intimas e não só commerciaes entre os arabes e os indigenas africanos. Nos exercitos dos Califas de Bagdad havia muitos indigenas africanos. Os sultões de Quiloa nomearam durante seculos os governadores do seu estabelecimento no Monomatapa. Os indigenas d'esta região tinham imposto a esses commerciantes a condição de cada anno trazerem alguns rapazes para casarem com as filhas da terra, porque esses estrangeiros eram tidos como de raça superior. D'esse sangue, muito diluido é certo, ainda hoje ha vestigios; Selous observa em todas as tribus, entre as quaes

viajou, que as feições mais finas, os labios mais delgados, a boa conformação da cabeça, correspondiam sempre a uma pelle mais clara. Infelizmente é impossivel tentar sequer o esboço da historia de qualquer d'estes estabelecimentos, ou mesmo a descripção approximada do grande sertão cuja costa orlavam; as narrações dos geographos arabes mais parecem muitas vezes filhas d'uma imaginação oriental do que representam uma precisa exposição de factos.

O mais antigo escriptor arabe que nos falla da Africa Oriental é Masudi (890-947). Sofala, diz elle, ¹ é o limite da navegação dos marinheiros de Oman e Schiraz; é um paiz abundante d'oiro e rico em maravilhas. Os Zindj o escolheram para séde de seu imperio; alli têm o seu rei, que desde tempos immemoriaes usa o nome de Ouklimo. Este rei commanda 300.000 guerreiros. Montam em bois, porque não conhecem cavallo nem mulas. E n'esta terra os elephantes só servem para se lhes tirar marfim. E entre os Zindj ha alguns com dentes afiados e que comem carne humana.

O povo Zindj, diz Edrisi (seculo XII) tem o maior respeito pelos arabes. Todo o paiz de Sofala tem oiro em abundancia e de excellente qualidade; mas os habitantes preferem o cobre e d'elle fazem ornamentos para seu uso. Uma das maiores cidades d'este paiz é *Siouna*, habitada por Indios, gente dos Zindj e outros. E o paiz de Sofala limita com os dos *Ouac-ouac*, onde a gente é miseravel. Os indigenas são horrendos d'aspecto, andam nús, fallam como que aos estalidos e assobiando. Sofala é o terminus das viagens dos marinheiros d'Oman e Schiraz.

Ibn Saïd, que escrevia em meïados do seculo XIII, diz-nos que Banya e Syouna são as maiores cidades de Sofala, e que em Syouna habitara o rei de Sofala. Os habitantes, como os Zindj, adoravam idolos de pedra, e untavam-se com oleo de peixe. O paiz de Sofala é uma terra de oiro.

Abulfeda não faz mais que copiar Ibn Saïd e do seculo XIV ao seculo XV não se encontram, diz M. Reinaud, senão dois geographos arabes que nada dizem do que nos interessa. Mas o que deixamos transcripto ² merece já uma analyse. Felizes se ella nos poder permittir a indicação, actualmente percebivel, de qual era a região africana com que os arabes commerciam, quaes as raças que habitavam e quaes os seus costumes.

Vejamos, pois, primeiro, qual era a região do interior d' Africa que os arabes conheciam.

O nome de *Sofala* não se applicava só ao sitio onde mais tarde se estabeleceu a feitoria arabe: abrangia uma região inteira. *Syouna* vemos nós que era a sua capital ou pelo menos uma das

¹ Na sua obra—Prados d'Oiro e Minas de pedras preciosas—citado por Wilmot, Monomatapa. V. tambem Latino Coelho.—Vasco da Gama.

² Colligido das transcripções nas obras de Torrend e Wilmot.

suas cidades principaes. Mas esta palavra não é senão a expressão arabe da palavra *shona* em lingua Karanga e esta pronunciamos nós em portuguez *sená*. A região de Sofala abrangia pois a actual Mashona, ou Machona e vinha até ao mar, ¹ estendendo-se até ao Zambeze.

Sena era já então habitada por negros, indios e arabes que lá iam resgatar oiro. Quando nós lá chegámos ainda esse resgate se fazia contra carne, sal e ferro. «Cada dois annos, diz-nos o monge Indicopleustes, o rei de Aksum manda á terra dos Zindj os seus mercadores para o commercio do oiro. E estes levam para trocar, bois, sal e ferro.

Chegados a essa terra fazem um cercado de matto onde ficam vivendo. Matam os bois e expõem a carne no matto com o sal e o ferro. Os indigenas chegam, trazendo o oiro em pepitas, e collocam as que lhes parecem ao pé de cada pedaço de carne, ou de cada porção de sal ou ferro. Se ao negociante agrada a porção do oiro, leva-o. Senão deixa-o ficar e o indigena ou augmenta o deposito e leva a troca, ou leva o seu oiro deixando-a.» ² A região onde os reis abexins assim mandavam buscar oiro, foi identificada por Heeren com a *Sagara-land*, entre Zanzibar e o Tanganika; é o extremo limite norte das tribus hoje fallando dialectos genuinamente bantu. Ora o caminho marcado por essas tribus, d'ahi até Sena e á Machona, mostra-nos o caminho percorrido por esses antigos negociantes d'oiro. A curiosa coincidência na mesma fórma do resgate d'essa mercadoria em logares tão afastados e com tantos seculos d'intervallo não é somenos confirmação d'estas viagens. ³

Sofala ou *Sofara* dos arabes era no dizer d'elles a antiga Ophir de Salomão, *Zophur* da versão dos setenta. Já atraz vimos como a sciencia moderna concorda n'essa tradicção. Mas essa região é conhecida nas linguas bantu pelo nome de *Ku-piri*, e n'ella ainda hoje habita um grande numero de tribus dando pelos nomes de *Am-pire*, *A-mbiri*, *Rv-pire*, *Ba-peri*, *Ma-vira*, (*Ma-via*), *Ma-fira*, etc. Essa região era no tempo dos Hebreus habitada pelos *Parua-im*, que não são senão os actuaes *Ba-roa* ou *Ba-tua* (Rushmen e Hottentotes). ⁴ No tempo dos arabes achamos nós que Sofala confinava ao sul com os *Ouac-ouac*, horrendos d'aspecto, nós e miseraveis, fallando aos estallidos (*ouac ouac*). Na epocha arabe,

¹ A lingua Mashona é um dialeto Karanga e o mais proximo do cafreal de sena. Mas este tem estreitas semelhanças com o Nika, e como grande parte da Machona é o territorio chamado *Manica*, poderemos identificar os mineiros antigos de Manica com os Manika do interior de Mombassa, que provém dos Malika da Arabia V. Torrend, Comparative Grammar. Pg. 25.

² Torrend. Pg. 38 e seguintes.

³ A distancia entre Aksum e a Sagara andaria por seis mezes de viagem D'ahi vinham ao Nyassa e tinham a via fluvial até Sena. Cosmas escrevia cerca de 547.

⁴ Torrend, Pg. XLI e XLII.

como também já anteriormente vimos, as primeiras ondas de invasão bantu começavam a repellir para o sul esses primitivos habitantes do solo. E o nome que os arabes lhes deram era onomatopaico do som estranho que lhes caracteriza a mais estranha linguagem. Tanto que durante muito tempo não se julgou que essa linguagem fosse fallada. ¹

Dos habitantes da região de Sofala, os *Zindj*, temos nós diversas informações. O seu rei, diz Mosudi chama-se *ou klimo*, desde tempos immemoriaes. E' variadissima a alliteração desta palavra nos diversos traductores e commentadores do geographo arabe. Torrend, porém, identificou-a com a palavra Suahili *m'falme* ou *wa'falme*, em dialecto Moçambique *m'climu*, chefe ou homem de saber (de valor) ². Montavam em bois, o que ainda hoje succede em tribus bantu da costa occidental e aconteceu até ha poucos annos entre os cafres do interior da costa oriental. E entre as tribus bantu ha algumas em que ainda se conheceram practicas cannibaes, taes são os Ajau e os Nywema; as antigas tradições dizem-nos que Sena foi antes da nossa chegada um mercado de carne humana.

Tambem o afilar dos dentes é practica ainda hoje seguida em muitas tribus, e as modificações que introduzem no seu systema dentario e nos labios representam um papel importante nas variações dos dialectos em cada tribu. Os Tonga arrancam os dois incisivos superiores quando chegam á puberdade e isso é nelles uma marca nacional como a orelha furada dos landins ou a circumcisão entre os Zulus *Kafirs*. O mesmo praticam os nyamuezi. As tribus que primeiro encontramos nos «rios de Sena» afiavam os incisivos até os reduzirem a pontos. Os Hêrero arrancam os dois incisivos medios do maxillar inferior e afilam os dois correspondentes do superior. Finalmente o *pellele* dos *lomue* é conhecido de mais para dispensar descrições.

Podemos, pois, resumir os conhecimentos arabes da Africa na epocha em que nós ahi entramos em scena. Os negociantes arabes conheciam a costa desde o Rovuma até ao Cabo Correntes e no interior a região de Sofala a Sena especialmente. Essa região, e a costa, eram habitadas por negros, cujos caracteres e costumes correspondem sensivelmente aos dos seus actuaes habitantes. Finalmente os indigenas primitivos e hottentotes, já então estavam repellidos para o sul de Sofala.

¹ Na sua tão interessante «Ribeira de Lisboa», o sr. Julio de Castilho refere o espanto que causou a Antonio de Sousa de Macedo, *espírito arguto e bom observador*, dois cafres do Cabo da Boa Espersnça que elle vira na Casa da India e que se communicavam por um systema de estalidos com a lingua. Ora n'esse tempo, fins do seculo XVII, já os bushmen estavam repellidos até ao Cabo. — V. «Ribeira de Lisboa», Pg. 259.

² Em rigor *mf' a limo*, homem de *limo*. Mas esta terminação é a mesma *zimo*, *dimo* ou *rimo* em diversos dialectos bantu formando as palavras *mz nimo*, *ba-limo* ou *ba-dimo*, espiritos dos antigos chefes. — Torrend. Pg. 34.

Foi da sua segunda viagem á Índia que Vasco da Gama parece ter trazido as primeiras informações sobre a importancia do commercio do oiro cujo monopolio os arabes tinham na costa oriental d'África, e o conhecimento da importancia relativa, sob este ponto de vista, de Quiloa e Sofala ¹. Por isso, logo a 5 de março de 1505, D. Manuel indica a D. Francisco d'Almeida, no Regimento que lhe deu quando o mandou por capitão mór para a Índia, as operações a executar naquelles dois pontos da côsta africana — «Nesta viagem queremos que se faça a fortaleza de Sofala...» — A nosso serviço cumpre termos em Quiloa uma fortaleza para recolhimento dos nossos e das nossas mercadorias. E com seu prazer (do rei de Quiloa) ou sem elle, a fareis». ² O cuidado e as recommendações especiaes e pormenores sobre estes feitos bem mostram o empenho que nelles punha o Rei Venturoso que acrescentava — «aos naturaes da terra não fareis damno algum, assim em suas pessoas como em suas fazendas, porque tudo queremos lhes seja guardado, dizendo-lhes que aos mouros a quem mandamos captivar e tomar todo o seu, o mandamos assim fazer por serem inimigos da nossa santa fé catholica e com elles termos continuadamente guerra.» ³ «A fortaleza de Sofala foi feita por Pero da Nhaya no anno do Senhor de 1505.» ⁴ Por Sofala tivemos primeiro conhecimento do sertão africano.

As primeiras informações datam logo de 1506; ⁵ «Vossa Alteza, escreve Diogo d'Alcaçova a D. Manuel, me mandou a Sofala para que vos servisse nella. He bem que dê alguma conta a Vossa Alteza das cousas de Sofala e do oiro que ha nella e donde vem e como o tiram e porque agora não vem, porque porventura ninguem o saberá tão certo dizer a Vossa Alteza como eu. O reino, Senhor, em que ha o oiro que vem a Sofala se chama *Vealanga*, e é reino muito grande em que ha muitas villas muito grandes afóra muitos logares outros; e a propria Sofala é deste reino, assim como toda a terra da beira do mar... E o rei que reina em Vealanga é filho de Macombe Monomatapa; o nome do rei é sempre Monomatapa e o reino Vealanga. E a cidade onde está o rei se chama *Zumbauhe*.

E de Sofala cada anno se tira um milhão e trezentos mil ma-

¹ «Este Rei de Quiloa é rei de grande poder e riqueza e tem sob seu poder as minas d'oiro de Sofala, as mais ricas em fama que nenhuma outras d'aquellas partes e que nenhuma de quantas são sabidas.» Carta de mercês de D. Manoel a Vasco da Gama, 20 de fevereiro de 1504 — Roteiro da Viagem de Vasco da Gama, pag. 177.

² ³ Regimento citado — Cartas d'Affonso d'Albuquerque. Tomo II. Documentos elucidativos, pag. 272, 282, 283, 286, etc.

⁴ Fr. João dos Santos *Éthiopia Oriental* — Na bibliotheca dos classicos portuguezes, vol. 1.º pag. 46. O sr. Augusto Ribeiro na sua memoria destinada á Exposição de Paris diz que Pero da Nhaya fundou a *fortaleza e egreja d'Angoche*. Não conhecemos nada que possa justificar essa asserção.

⁵ Carta escripta de Cochim a 20 de novembro de 1506 — Alguns documentos da Torre do Tombo ácerca das navegações e conquistas portuguezas, pag. 153 e seguintes.

ticaes d'oiro. ¹ E todo o oiro do sertão sahe por Sofala e por Angoxe só sahirão uns cincoenta mil maticaes. O rei de Sofala é mouro, e mouros os habitantes do lugar. Os cafres vivem em redor d'elles, roubam e matam e não creem em nenhuma cousa. E Sofala era reino de Quiloa. Mas depois que reinou o rei que matou Pero Davyam, nunca mais deu nenhuns direitos a el-rei de Quiloa» ²

Em 1516, Duarte Barbosa ³ escrevia:

«Desta terra (Sofala) contra o sertão, jáz o mui grande reino de Monomotapa que é dos gentios a que os mouros chamam cafres. E mais para dentro de Sofala, 15 a 20 jornadas, está uma mui grande povoação que chamam Zimbaohe, na qual muitas vezes está o rei monomotapa e duli a Monomotapa são seis jornadas. O qual caminho vae de Sofala pelo sertão dentro contra o Cabo da Boa Esperança; nesta mesma povoação de Monomotapa he o assento mais costumado do rei, em um lugar muito grande donde trazem os mercadores oiro dentro a Sofala. E dizem os moiros que este oiro vem de muito mais longe, de contra o Cabo de Boa Esperança, doutro reino sujeito a este de Monomotapa que é mui grande senhor de muitos reis que tem debaixo de seu porte; é senhor de muito grande terra que corre pelo sertão dentro assim para o Cabo de Boa Esperança como para Moçambique.» ⁴

Tambem Fr. João dos Santos trata largamente deste *imperio* de Monomotapa na sua Ethiopia Oriental. Na opinião de um erudito inglez, o frade de S. Domingos é o mais veridico de quantos antigos viajantes descreveram esse potentado. «Não diz petas, escreve Mr. Bent, e todos os que tenham andado entre os indigenas hão de reconhecer na sua narração uma fiel e precisa descripção desse povo, mostrando quão pouco elle se tem modifi-

¹ O matical pesa uma oitava e 24 grãos. O ultimo rendimento das minas da Rhodesia de que temos noticia (outubro de 1900) foi de 5500 onças.

² Carta escripta de Cochim a 20 de novembro de 1506 — *Alguns documentos do archivo nacional da Torre do Tombo acerca das navegações e conquistas portuguezas* — Pag. 153 e seguintes.

³ Livros em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente, na *Collecção de noticias*, T. 2.^o, pg. 235 e seguintes.

⁴ Este oiro que vinha do *sertão dentro contra o Cabo da Boa Esperança*, vinha das antigas explorações das minas do Rand em Johannesburg. Nesta transcripção de Duarte Barbosa escrevemos para maior clareza, Monomotapa e não Benemetapa, como elle escreveu; o que deu lugar a um erro curioso de Wilmot. Na sua obra, Monomotapa, pg. 237, transcrevendo esta passagem de Duarte Barbosa diz: «*In Beazento, where the King often lives*»; a meu vêr o sabio inglez, que escrevia em 1896, transcreveu esta passagem da memoria de Paiva e Pona apresentada ao congresso dos orientalistas em 1892, *Dos primeiros trabalhos dos portuguezes no Monomotapa*, onde a Pg. 13 se lê: «n'esta mesma povoação de Be, assento mais costumado do rei» onde um evidente lapso typographico omittiu — nemetapa — originando a tal cidade de *Beazento* que só conseguimos perceber o que fosse lendo Duarte Barbosa a Pg. 249 do Tomo 2.^o das *Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, etc., publicada pela Academia Real das Sciencias.

cado nestes tres ou quatro eculos.» ¹ A narrativa de Santos vae-nos pois ajudar a desenvolver as indicações que deixamos transcriptas e vae nos permittir estabelecer os primeiros dados acerca dos actuaes habitadores de Moçambique.

«O reino de Monomotapa está situado nas terras a que chamam Mocaranga. Da banda de Nordeste confina com outro reino mui grande a que chamam Abutua ² que chega pelo meio da terra firme até ao reino d'Angola; da parte de leste confina com o rio Zambeze; para a parte Sueste vem correndo até ao mar oceano ethiopico até ao rio Tendaculo. D'ahi até Sofala é reino de Quiteve. De Sofala para o sul fica o reino de Sabié onde reina o Sedanda; e este é rei das terras que chamam Botonga que vão correndo para o rio de Inhambane. Na cabeça dos reinos de Quiteve e Sedanda fica o de Manica. Da parte de Manica para o Norte fica o Abûtua, o Monomotapa que fica para o Nordeste e da parte do Sul fica o Biri. Toda a Mocaranga foi antigamente Monomotapa até que um delles dividiu o imperio em quatro reinos: o Monomotapa proprio, o Quiteve, o Sedanda que governa o Save, e o Chicanga a quem deu as terras de Manica. E a todos os cafres destes reinos se chamam mocarangos porque fallam a lingua mocaranga; e por essa razão se chamam tambem a todas essas terras Mocaranga, tirando as fraldas do mar d'estes reinos porque em algumas dellas se fallam outras linguas differentes, particularmente a lingua Botonga, pelo se que chamam ás mesmas terras Batonga, e aos habitantes d'ellas Botongos.»

Estas noções são mais especificadas por Santos quando emenda varios autores do seu tempo. «O reino de Inhambane fica junto do Cabo das Correntes para a banda do Cabo da Boa Esperança, e do rio de Inhambane para a banda da India vae correndo o reino chamado Botonga e acaba junto do rio Save de que é rei o Sedanda, cujo reino vem correndo até perto de Sofala e em Sofala se começa o reino de Quiteve que vae até o rio Tendaculo e depois corre o Monomotapa até ao Luabo. ³ Nas quaes terras ha muitos reis de differentes côrtes e nações de cafres e nenhum destes paga tributo ou vassallagem ao Monomotapa. Este posto seja grande senhor não tem os outros reis por seus vassallos e tributarios, salvo se são alguns senhores grandes de seu reino, que são como os senhores de titulo em Portugal que tem terras e vassallos, a que os cafres não chamam reis, senão *encosses* ou *fumos*. O monomotapa e todos os seus vassallos são mocarangos, nome que teem por habitar as terras do Mocarango e fallarem a linguagem chamada mocaranga, a qual é a melhor e mais polida de todas as linguas de cafres que tenho visto n'esta Ethio-

¹ Bent, Ruined cities of mashonaland. Pg. 236.

² *Butua* ou *Batua* é o nome bantu dos *bushmen*. Este reino não é senão a terra dos bushmen e não teve coincidência alguma com o *Barue* como alguns escriptores portuguezes tem querido achar.

³ «E o rei de Quiteve vive só n'uma cidade que se chama *Zimboahé*.»

pia, porque tem mais brandura, melhor modo de fallar; e assim como os mouros de Africa e de Arabia fallam de papo, que parece que vomitam, e arrancam as palavras da garganta, assim pelo contrario estes mocarangos fallam e pronunciam as palavras com a ponta da lingua e beiços de tal maneira que muitos vocabulos dizem quasi assobiando, no que tem muita graça, como eu vi algumas vezes fallar os cafres da côrte do Quiteve e do Monomotapa onde se falla o mocarango mais polidamente.

Os costumes d'este monomotapa, assim de suas mulheres, officiaes, serviço, trato e leis, como de outras particularidades tocantes a seu governo e modo de viver e de seus vassallos, são mui semelhantes e quasi os mesmos que tenho apontado do Quiteve. E junto do rei de Quiteve está o de Sedanda, cujas leis e costumes lhes são semelhantes aos d'esse, por serem todos estes cafres da mesma nação.

Estes cafres não adoram Deus, nem tem idolos nem imagens, nem templos, nem usam de sacrificios, nem menos tem ministros dedicados ao culto divino. Sómente sabem confusamente que ha Deus grande a que chamam molungo¹, mas não lhe rezam nem se encommendam a elle. Sabem que o homem vive eternamente no outro mundo com suas mulheres muito á sua vontade. Tem muitos dias santos a que chamam muzimos, almas de defuntos (espíritos dos mortos). Também sabem que ha diabo a que chamam musuca, e que faz muitos males aos homens. Dizem que o sol quando se põe, *vae dormir*.² Não leem nem escrevem nem teem livros e todas as cousas e historias antigas de que teem noticia, sabem sómente por tradição de seus antepassados. Teem para si que os bugios foram antigamente homens e mulheres e assim lhe chamam na sua lingua — gente de primeiro —³ os mais d'estes cafres são pretos como azeviche, de cabello crespo e gentis homens e mais particularmente o são os mocarangos do reino de Quiteve. E posto que muitos vivem pelos mattos embrenhados em suas choupanas com suas mulheres e filhos, como silvestres animaes, comtudo os mais d'elles habitam em povoações pequenas e outras mui grandes de 2 e 3 mil visinhos. Em cada povoação d'estas grandes mora um governador posto pelo rei que tem

¹ Mulungu é Deus, nas linguas bantu do ramo oriental. Em todas ellas ha porém a crença n'um Deus Uno, ao qual não rezam talvez por medo e reverencia. Preferem implorar os *mu-zimo* (espíritos dos mortos) para que roguem ao mulungu por elles, da mesma fórma que elles procedem perante os brancos e perante os chefes. O nome generico dado aos brancos, *balunga*, *mu-lungu* quer dizer *gente de Deus*. Segundo Torrend a palavra mulungu ou mu-luku não é outra senão *moloch*, e faz notar que se encontra nas tribus que com certeza tiveram antigas relações com os Sabeus.

² Muitas vezes ouvi esta expressão até entre macuas.

³ Póde-se ver em Torrend *passim* o que elle colheu d'estas tradições indigenas tão extremosamente conservadas de geração em geração. Em Gaza em 1895 colhi assim a historia dos Zulus que resumi no cap. *Coolella* da «Campanha das tropas portuguezas nos districtos de Lourenço Marques e Inhambane.»

jurisdição para julgar as demandas dos cafres da sua povoação em cousas leves, que dos casos graves só o rei toma conhecimento e diante d'elle se tratam e os julga verbalmente como lhe parece.¹ Todos estes cafres primeiro que façam alguma coisa ou seja caminho, ou mercancia, ou sementeira lançam sortes para saberem se lhes succederá bem ou mal e se a sorte lhes sahe diferente do que querem não fazem n'aquelle dia o que determinavam fazer. Por estas sortes adivinham de cousas perdidas e são mui grandes feiticeiros.² E usam em juizo tres generos de julgamentos ou provas, terribilissimos;³ o do lucasse ou peçonha, o de xoca, lambendo ferro em braza, e o de calão ou panella com um almude de agua amargosa que tem de beber de um trago o que quer provar ser innocente.

As casas em que vivem estes cafres são redondas, cobertas de palma do modo de um palheiro do campo. Esta casa mudam de uma parte para outra cada vez que querem. O seu mantimento ordinario é milho, legumes, fructos do matto e pescado, que tomam nos rios em covões e caniços e todo o genero de animaes que matam pelos mattos e brenhas, como bugios, cães, gatos, cobras e lagartos, de modo que a nenhuma carne perdoam. O vinho ordinario que bebem é feito de milho, a que chamam *pombe*. Quanto mais azedo mais embebeda e com isso folgam os cafres porque dizem que lhe põe mais força. E em toda esta cafreria se cria uma erva que se chama *bangue*.⁴ A sua palma e folhas seccam os cafres e depois de bem seccas, pisam e fazem pó e d'este comem uma mão cheia e bebem-lhe agua em cima e assim ficam mui confortados e com o estomago satisfeito.»

Temos vindo assim resumindo o que o frade de S. Domingos nos diz dos mocarangos do monomotapa e estavamos quasi julgando-nos a descrever os usos dos machonas ou dos manicas de hoje. A cada passo, no seu relatorio sobre os Estudos do caminho de ferro da Beira a Manica, o capitão Renato Baptista⁵ e os seus officiaes, estão citando Fr. João dos Santos na descripção dos costumes da região. Esta fiel descripção, mostra-nos, diz Bent, quão pouco esses indigenas se modificaram em tres ou quatro seculos. Mocaranga ou Ma-kalanga era o seu nome, pelo qual

¹ e ² Costumes que ainda hoje são geraes em toda a provincia de Moçambique.

³ E' bem sabido que d'estas provas judiciaes só parece ser de invenção africana a que emprega as substancias venenosas e que tem pouco a pouco substituido as outras duas, a da *xoca* ou ferro em braza, e do *calão* ou *caldaria*. O seu nome generico na provincia de Moçambique é *muave* e deve ler-se a seu respeito o que diz o sr. C. de Ficalho no seu livro — Plantas uteis da Africa Portugueza — Pag. 164 e seguintes.

⁴ Se n'aquelle tempo os cafres comiam *bangue*, hoje fumam-n'o. Esse *bangue* é o *cannabis sativa* (riamba de Angola) é o hachich dos arabes — V. Conde de Ficalho. Plantas uteis, pg. 263 e seguintes.

⁵ V. principalmente de pg. 20 a 28 do relat. cit.

ainda hoje se conhecem entre si.¹ Essa raça estendia-se então desde Inhambane ao Zambeze; á principio subordinada a um só chefe, talvez o primeiro que usou o nome dynastico de monomatapa, ou melhor *muene matapa*, senhor dos elephantes. No tempo de Diogo da Alcaçova chamava-se-lhe macombe e no de Fr. João dos Santos, já dividido o imperio, chamava-se Mambo.² A grande invasão dos Zimbos de que adiante fallaremos, as constantes lutas entre os diversos chefes foram-lhes reduzindo o poderio. Monteiro já só encontrou perto do Zumbo um monomatapa muito decahido, talvez o mesmo a que Livingstone se refere. Monteiro tambem dá conta d'um grande numero de *Zimbaohes* ao norte do Zambeze, como povoações grandes de chefes, ou os seus curraes capitaes.³ Nem outra é a significação da palavra. *Zi* é o radical bantu de aldeia, ou lugar, ou curral (Kraal). *Zimbab* quer dizer o curral grande; o suffixo *ohe* (we) é exclamativo e *Zimbabohé* significa: aqui está o curral grande, eis o curral grande. O principal d'estes curraes, aquelle que com esse nome se encontra nas cartas modernas, e cujos reinos foram estudados e descriptos por Bent, não dista de Sofala mais dos 15 ou 20 dias de jornada indicados por Duarte Barbosa.⁴ N'esses Zimbaohes habitavam os mocarangas, ignorantes da arte que os edificára, bem longe da cultura e da civilisação da raça que tantos seculos ahi habitára. Fora absorvida pelos mocarangas e o dominio d'estes invasores negros foi completo destruindo tanto a religião como os usos e os edificios dos primitivos monomatapas, dos fundadores dos zimbohes. Não nos é possível traçar o esboço sequer d'essa transformação que durou seculos, é-nos porèm mais facil perceber-a, mas só podemos hoje conhecer-lhe os resultados. Fr. João dos Santos diz-nos como um dos monomatapas dividira o imperio entre si e seus tres filhos, que por morte d'elle se tornaram independentes e começaram a guerrear.

A invasão dos zimbos, as lutas successivas mais e mais foram retalhando essa raça. «Como um dos caracteres quasi geraes das conquistas das tribus africanas e da formação dos imperios é a absorpção e incorporação das tribus conquistadas nas tribus con-

¹ Bent, op. cit. pg. 32 — Mocaranga e Macalanga são variantes do mesmo nome *Ma-ea-langa*, gente do *Sol*. Ainda hoje se diz indifferentemente Mutali e Mutare, Chilomo e Chiromo. Em geral os inglezes usam o *l* e nós o *r*.

² Até aos nossos dias os regulos do Barué usaram o nome ou titulo de *Macombe*. Póde vêr-se em Monteiro a quantidade de *mambos* que encontraram na alta Zambezia. Cap. 1.^o, 2.^o e 3.^o

³ O muata Cazembe. Cap. 3.^o

⁴ E' a conta que dá tambem Diogo da Alcaçova. Poderá um homem ir ao Zimbaohe de Sofala em 12 dias se andar ordenadamente como em Portugal, mas porque os cafres não andam senão de pela manhã até ao meio dia e comem e dormem até ao outro dia pela manhã, não vão a esta cidade em menos de 20 a 24 dias, (Alguns documentos, Pag. 154). Esta maneira de viajar dos indigenas é ainda hoje perfeitamente exacta, quando andam por sua conta. Isto mostra a precisa observação e as veridicas informações dos nossos antigos viajantes.

quistadoras, d'ahi resulta a mistura dos caracteres physicos a ponto de tornar difficil a discriminação das feições typicas das raças. Se juntarmos a isto, que os povos selvagens d'Africa estão n'um periodo d'evolução accessiveis a todas as influencias, . . . se notarmos que não ha historia que nos esclareça e apenas se encontram tradições confusas, . . . facil é comprehender as difficuldades que se oppõem á reconstrucção, mesmo *mal definida*, da historia das emigrações, das conquistas, dos imperios, que tem agitado a existencia rude, singela e feroz do grande continente.»¹

Só uma grande autoridade podia exprimir tão eloquentemente esta verdade; só podemos marcar uma ou outra referencia, estabelecer aqui ou alli uma ligação, formular apenas muitas vezes uma conjectura, na difficil historia das raças negras; não as podemos seguir de geração em geração, nem muitas vezes as podemos seguir filiar n'outras que as antecederam. Por isso apenas nos contentaremos em indicar aquellas cuja descendencia se pôde seguir até aos nossos dias.

Não podia ser postergada pelos nossos reis a evangelisação das raças indigenas habitando o immenso trato de terra que Vasco da Gama descobrira. As informações do monomatapa, que acima transcrevemos, exaggeradas pela distancia e pela assimilação ao conhecido, faziam crer esse imperio, não o dominio de um potentado selvagem, mas o de um civilisado como os que a historia dera a conhecer. E o empenho de o converter á fé catholica só encontra paridade na ancia com que se procurou o Preste João. Logo em janeiro de 1560 sahia a bahia de Chaul uma nau levando para Moçambique os seus primeiros missionarios, os jesuitas Gonçalo da Silveira, André Fernandes e o irmão André da Costa. A primeira missão do Padre Gonçalo é ao reino de Tonga (dos botongas) em Inhambane e só depois consegue o seu almejado fim: ir ao Monomotapa. De volta a Moçambique segue para Quelimane, sobe o Zambeze até Sena e d'ahi se interna até ao Zimbaohe onde chega em janeiro de 1561. *Convertido* o monomotapa, é baptisado com o nome de Sebastião e com elle o seu povo recebe a fé. Gonçalo da Silveira encontrára a ajudal-o e guial-o n'estes primeiros trabalhos o saber, tambem *só de experiencias feito*, de um sertanejo que vivia com o monomotapa, fallando a lingua da terra e que se chamava Antonio Caiado. Mas desde o principio começaram a trabalhar contra o Padre, os moiros sempre ciosos da nossa influencia, e sobretudo um de Moçambique, chamado Mafamede. Por instigações d'este, Gonçalo da Silveira, accusado e convencido d'espiao, é martyrisado e morto em agosto de 61 nas margens do Mussengeze.²

¹ Andrade Corvo. Estudos sobre as Prov. Ultram. Tomo III. Pag. 293.

² Paiva e Pona. Dos primeiros trabalhos dos Portuguezes no Monomatapa.

Foi o protomartyr da Africa Austral e a elle se refere o nosso epico quando diz:

Vê de Benamatapa o grande imperio
Da selvatica gente negra e nua,
onde Gonçalo¹ morte e vituperio
padecera pela fé santa sua

Est. II — CANTO X.

Quando o Padre Gonçalo largou para o Monomotapa deixára no reino de Tonga² o Padre André Fernandes. Das cartas d'este padre³ é que poderemos tirar algumas informações. Ao norte do rio de Inhambane, os habitantes do reino de Tonga eram ainda *mocarangos*, — «e a causa d'estes mocarangos estarem entre os *Botongos* cercados de todas as partes, foi porque um filho d'um rei mocarango veio com a sua gente e pelejou com o senhor delle e tomou-lhe a terra e assim ficou entre os Botongos. Todos os Botongos eram circundados costume que parece ter ficado es um moiro honrado que alli foi parar. Mas não teem lei de moiro nem mais culto divino que os mocarangos.» E continua o Padre a explicar as crenças dos botongas que bem se asemelham ao que Fr. João dos Santos notou nos mocarangos. «Teem um Deus ao qual chamam Umbe teem a alma que vive depois da morte. Teem superstições de sortes e feitiços e acerca dos mortos. Uns e outros mostravam grande facilidade em receber a fé.

Não era só na circumcisão que os Botonga revelavam influencia mahometana, os seus regulos chamavam-se *xeques* e tinham muitas mulheres; não sabemos, acrescentam os padres, se teem mais de moiros. São domesticos e familiares mais do que vós que-reis, se tivéssemos aqui gente e a porfiássemos não duvido que se fizesse uma Republica excellente.

Os Botonga vestem peor que os mocaranga; os mais delles trazem commummente meia pelle á banda de traz; a gente commummente é *avilanada*; alguns ha hem assombrados. Nas cabeças fazem mil galanterias, rodas, corôas e meio rapadas. Os homens de nenhuma qualidade põem mão em coisas d'agricultura; as mulheres são as agricultoras e proveem a casa do necessario. Na terra ha milho, mexoeira, feijão; o milho é a maior e melhor

¹ D. Gonçalo da Silveira era o 10.º filho do conde da Sortelha, D. Luiz da Silveira, guarda-mór d'El-Rei D. João III, e de sua mulher D. Brites de Noronha, filha do marechal D. Francisco Coutinho. Fora condiscipulo e amigo pessoal de Luiz de Camões. — V. Paiva e Pona, op. cit.

² Tonga, capital do reino de Gamba, diz o Padre Gonçalo. Paiva e Pona acrescenta: talvez onde hoje está *P'achamo*. Não conhecemos logar nenhum no districto de Inhambane com esse nome e afigura-se-nos que esse reino de Gamba são hoje os *Guambés* ou *Guambás*. Trinta leguas pelo sertão dentro, diz ainda o Padre. Ora a povoação do Guambé Grande distava de Inhambane quando lá passamos em 1895, 110 a 120 kilometros. «Este logar, está sentado sobre um grande rio que vem do mar.» E' possível que n'essa epocha o Inharrime desaguasse ainda no mar.

³ Paiva e Pona, op. cit. As citações que seguem são dessas cartas.

parte do mantimento, e o que podiam comer em trinta dias bebem esse *pombe* n'um dia. São pacíficos senão quando se embebedam. O rei de Touga para cafre era muito bom homem, mas bebe mais do que eu quizera diz o Padre Fernandes. O lingua, um mulato de Sofala chamado João Raposo, que já fôra a Portugal, consolava-o, dizendo lhe que «dos senhores que elle tinha visto entre os Cafres, este bebia pouco em sua comparação». E foi baptisado com o nome de D. Constantino em honra de D. Constantino de Bragança, que ao tempo governava a India. Nada resta desta 1.^a christandade africana.

Da terra, da paizagem d'Inhambane escreviam os Padres maravilhados: «O rio onde desembarcamos é largo como de Lisboa a Almada, e Inhambane logar, dista da sua foz como Lisboa da do Tejo. Neste porto desembarcam os portuguezes quando vem fazer o trato do marfim ¹ e ambar, «não vos posso pintar este porto quão ameno, sadio, solitario, edificado de arvores frondosissimas; o logar mais opportuno para devoção que vi; umas relvas, todo o miradouro do mar.» ²

Nada ficou, como dissemos, desta 1.^a christandade africana: «Esta gente teve infinitas superstições que descrevel-as não poderia senão em muito tempo: deixam-n'as difficulosamente e muitos abusos pessimos. Acabaes agora de os convencer e confessam ser verdade o que lhe dizeis e mentira o que elles fazem, e logo o tornam a fazer, de sorte que é gente muito trabalhosa e com que se ha de ter muita paciencia ³ «Aqui temos exactamente photographado o character do indigena africano, eis a razão do desaparecimento completo de qualquer christandade africana desde que a acção missionaria deixa de persistir constantemente. O espirito dos negros, diz Andrade Corvo, não recebe doutrinas complexas, não pode conceber ideias abstractas e é esta uma das difficuldades que obstem á propagação da fé christã... Não pôde pôr-se em duvida que, mais de uma vez, as missões christãs tem frutificado temporariamente na Africa; mas, força é confessal-o; que nada ou quasi nada tem produzido de estavel e verdadeiramente christão. ⁴ Serpa Pinto observa tambem que onde se consegue catechisar o chefe de um povo, grande ou pequeno, consegue fazer-se christão o povo inteiro. Isto viu-se nas primeiras missões no reino de Tonga e no Monomatapa. Baptisados os chefes, feitos D. Constantino ou D. Sebastião, o povo inteiro recebia o baptismo. Mas se ao chefe christão succedia um que o não queria ser, tudo cahia em ruinas e desapareciam os christãos. E não argumentem, continua o explorador, com o Bamanguato; morra o

¹ A exportação do marfim chegou a 160 bohares annuaes. O bohar equivalia a 16 arrobas, 10 arrateis e 8 onças.

² Paiva e Pona, Portugal no Monomatapa, carta do Padre Gonçalo Pag. 45.

³ Paiva e Pona op. cit. carta do Padre Fernandes. Pag. 53.

⁴ Estudos sobre as Prov. Ultram. Vol. 3.º Pag. 89.

chefe Rhama, vá ao poder um chefe que não queira ser christão e todos os cathechisados se esvairão como fumo. ¹

Não entra, porém, no nosso trabalho estudar as causas do pouco fructo das missões e se incidentemente o tocámos foi por serem as conversões do Tonga e do Monomatapa dois exemplos typicos da conversão africana. Realisa se facilmente mas é só apparente; desaparece de um momento para o outro, e as praticas e abusos supersticiosos não se obliteram nunca, mesmo entre os indigenas convertidos. ²

Vamos, porém, seguindo na descripção das raças. Em toda a costa, desde os rios de Cuama até á ilha de Moçambique, não ha reis poderosos e ricos. E posto que haja nella muitos senhores de vassallos, com tudo nenhum d'elles tem titulo de rei. . . mas pelo sertão dentro vivem alguns grandes e poderosos, cafres gentios de cabello crespo, macuas de nação. É esta nação é a mais barbara e mais mal inclinada que todas as nações de cafres que tenho visto.

Todo o sertão de Quelimane e Loranga é habitado de cafres macuas, pretos, de cabellos crespos. Todos limam os dentes de cima e de baixo, e tão agudos que os trazem como agulhas. Pintam-se todos pelo corpo com um ferro agudo, cortando suas carnes ³. Trazem dois buracos nos beiços: no de cima mettem um páo delgado como uma penna de gallinha. . . e no de baixo trazem uma grande rolha de chumbo encaixada e tão pesada que lhe derruba o beiço quasi até á barba. Todos andam nús, assim homens como mulheres, e quando bem vestidos trazem uma pelle de bugio, ou d'outro animal, da cintura até aos joelhos.

A terra firme que corre ao longo destas ilhas de Moçambique e Querimba até este Cabo Delgado, toda é povoada de nações de cafres gentios de cabello revolto, macuas furados e pintados.

Estes cafres macuas, todos creem em um Deus, creem na immortalidade da alma, creem que ha demonios ou espiritos maus. Esta gente dá muito credito a seus feiticeiros e a suas sortes que lançam para adivinhar o que querem. O governo desta gente é de pouco trafego; têm em cada aldeia uma cabeça que os go-

¹ Como eu atravessei a Africa. Vol. 3.^o Pag. 96. — A razão disto cremos que será a seguinte: E' costume, entre todos os povos bantu, não questionar nem discutir com hospedes de consideração, mas concordar sempre com o que estes dizem. E isto é levado tão longe que torna ás vezes impossivel obter uma só informação. Pergunta-se por exemplo: é longe d'aqui a tal sitio? A resposta immediata é: E' longe, sim senhor. A polidez indigena não os deixa contradizer-nos, e nós usando a palavra *longe* com uma affirmativa, indicamos que *devia ser longe*. E se a seguir perguntarmos: Não é longe d'aqui a tal sitio? Temos a resposta: Não é longe, não senhor.

² E' ver as praticas supersticiosas e algumas bem infames dos *mugangos* de Quelimane, entre os quaes ha quem conte um seculo d'ascendencia christã.

³ E' a tatuagem.

verna a que chamam *Fumo*. Este determina verbalmente as suas diferenças, que são poucas, e quando o *Fumo* as não pôde julgar, o *Bano*, senhor das terras, as determina com o conselho dos demais Fumos. São homens de grandes cumprimentos e em suas visitas usam de tantos que primeiro que comecem a fallar do negocio a que vem, se gasta grande espaço de tempo em cortezias de ambas as partes e isto lhe vem de serem ociosos e despreocupados. São de pouco trabalho, mais dados a festas que a grangearias contentam-se com o comer ordinario de arroz e milho e legumes. A terra é fertil e de grandes pastos mas tem pouca criação de gados. Tem muitos tigres, leões, onças, elephantes, bufalos, veados, infinitos bugios e monos, e a todos estes animaes os cafres caçam e comem-lhe a carne. Tambem comem ¹ ratos, cobras e lagartos, e zombam de quem os não come.

Temos assim a descripção dos tres principaes grupos de indigenas que no primeiro seculo da descoberta habitavam Moçambique, os mocarangos, os botongos e os macuas. Todos são negros, de cabello revoltado, isto é, de verdadeira raça negra, e constituem o substratum dos actuaes indigenas da provincia. A sua uniformidade de crenças, a pequena discordancia dos seus costumes, mostram bem a comunidade da sua origem ethnica. O meio que habitavam, as diversas influencias a que foram sujeitos, diferenciáranos não só nos costumes, mas nos caracteres ethnicos, mas ainda hoje, mashonas, macuas e botongos correspondem perfeitamente á descripção que delles fizeram os primeiros europeus. As suas tres linguas confirmam a comunidade d'origem, e ajudam-nos a estudar as suas diferenças. Tantas são diz Torrend, as analogias entre o Kua de Moçambique e o Kalanga que é impossivel duvidar do seu intimo parentesco. Por seu lado a lingua de Inhambane pôde considerar-se intermedia entre a de Moçambique e a de Senna. ²

O Kalanga é lingua irmã da que Torrend considera a lingua *typo* bantu, o Tonga. Mas este nome é commum a varias tribus da Africa do Sul e é preciso indicar o que se entende por elle. Os *Ba-Tonga* ou *Ba-talha* do Zambeze medio, entre este rio e o Kafué, são considerados por esse distincto missionario os mais puros representantes dos primitivos bantu. Parece que nunca foram submettidos a imperio algum, conservando sempre os seus chefes patriarchaes independentes. Não conhecem escravatura nem distincções de classe; são todos «*filhos do chefe*». Habitando uma península, protegidos pelos dois rios, assim se tem mantido até aos nossos dias. Todas as outras tribus que usam o nome de

¹ Fr. João dos Santos, *Ethiopia Oriental*.— Cap. xxii e xxiii do livro 2.º e capitulo i, v e viii do livro 3.º

² Os prefixos *mu-Ba* e *mu-mi* são nestas linguas reduzidos a I ou N — exemplo *mu-kasi*, mulher em Tonga; em Karanga e lingua de Senna *n'-kasi* — *Ru-rula* — chuva; em Karanga *i-vure*, em Moçambique *i-pula*.

³ Torrend, *Comparative Grammar*. Pag. 43.

Tonga em diferentes regiões da Africa Austral representam, ainda segundo Torrend, os aborígenes em relação aos seus vizinhos. Ora isto confirma-se sabendo que em *vátua* ou *angune*, o termo *tonga* é um termo de desprezo, equivalente ao de *vassallo*, *escravo*, e é por elles applicado indistinctamente a todas as tribus de Lourenço Marques, Gaza e Inhambane, que começaram a conquistar no primeiro quartel do seculo passado. São sempre tribus pacificas e agricultoras. Taes são por exemplo os Tonga de Sofala, os do baixo Inharrime tambem chamados *Ma-guambá*, gente do logar, os *ma-klengue* ou *balengues* do baixo Limpopo, os *má-puto* tambem chamados *ma-tonga*, os *bi-tonga* d'Inhambane, etc. ¹

Podemos pois admittir que mocarangas, macuas e botongos constituíam o fundo primitivo dos indigenas de Moçambique; a primeira d'estas familias era a mais importante e occupava uma area bem superior ao *habitat* actual de qualquer das tribus africanas. Dividia-se n'um grande numero de *clans* cada um com o seu chefe reconhecendo todos como seu superior o Monomatapa. O religioso respeito, ou antes supersticioso receio com que este chefe era considerado, constituia o laço mais forte entre essas diversas tribus: elle representava aos olhos de todos os espiritos dos antigos que todos veneravam.

Quão longa fôra a existencia desta tribu antes de nós a conhecermos, e como alcançara o seu poderio, não o podemos saber; vimos já, porém, que, pouco depois, o laço que prendia as diversas partes d'esse todo se partiu, dividindo-se o *imperio do monomatapa* em diversas communidades independentes. Este epitheto de *imperio*, os de *imperador*, *rei* e *principe*, applicados a tribus e chefes de selvagens africanos, não contribuiu pouco para durante muito tempo desnortear os espiritos. Mas o conhecimento dos seus costumes é que vem dar a nota exacta desses imperios e desses reis. Os mocarangas tinham, porém, mais que qualquer outra tribu bantu, uma grande porção de sangue arabe nas suas veias, e isto explica a sua superioridade mental e mechanica. Os nossos, desde o principio, notaram que eram mais intelligentes que as restantes tribus botongas e macuas, e ainda que a sua lingua era mais perfeita e agradável.

Da maior parte do territorio occupado por esta tribu, especialmente do territorio de Manica, era extrahido o oiro. O unico processo conhecido para isso era a lavagem de certos terrenos ou de arcias de certos rios. As minas mais celebres eram na Masapa, junto á montanha Fura, as de Manica e as da distante Butua, onde hoje se exploram as do Rand. E as feiras onde vinha este oiro eram as da Masapa, no Mazoé, cerca de cincoenta leguas de Tete e entre dois affluentes, Luanze a cerca de quarenta e cinco leguas de Tete e entre dois affluentes do Mazoé,

¹ Torrend, Comparative Grammar. Pag. xxvii -- nota -- e Junod, Grammaire Ronga. Pag. 4 e 5.

e Bukoto, a dez leguas de Masapa e a treze de Luanze. Mas quando nós começámos a frequentar estas feiras e a relacionar-nos com o monomatapa depois das expedições de Francisco Barreto e Vasco Fernandes Homem, já os mocarangas se tinham dividido em quatro reinos principaes. Quasi ao mesmo tempo uma vasta horda de cafres tinha apparecido algures, no interior do continente africano e espalhára-se rapidamente ao longo da costa de Moçambique. Durante um quarto de seculo o valle do Zambeze foi o theatro das proezas de devastação e pilhagem desses canibaes, os terriveis zimpos.

No meiado do seculo xvi, uma circumstancia ou uma causa até hoje desconhecida, poz em movimento uma familia de povos bellicosos da Africa Central, lançando-os em diversas direcções sobre os povos do littoral, alguns mais cultivados, todos mais pacificos, como agricultores, que os seus invasores. Quasi ao mesmo tempo temos noticia da invasão dos gallos na Abyssinia, dos jaggas no Congo, dos cumbas na Serra Leôa e dos zimpos em Moçambique. E todos estes povos eram valentes, ferozes e anthropophagos, todos provinham da mesma região, o centro da zona equatorial; não tem sido, porém, possivel até hoje identificá-los com os selvagens anthropophagos, que os viajantes modernos tem encontrado na mesma região e de que os Niam-Niam são o typo mais conhecido. ¹ O que é facto, é que essa invasão se fez engrossando os invasores as suas filas, incorporando em si as tribus conquistadas. As que oppuzeram maior resistencia foram totalmente aniquiladas e devoradas. Onde não existe organização social definida, onde a civilização é mais que rudimentar, como rudimentares são os laços que ahi prendem os individuos entre si e ao solo, onde as oscillações das populações são frequentes, «ahi encontram os conquistadores auxiliares nos proprios conquistados, e tudo muda com a mesma facilidade com que se fórma: . . . os typos alteram-se porque as suas feições caracteristicas não são persistentes; as linguas transformam-se de logar para logar, de geração em geração, e só se conservam as fórmas fundamentaes dellas, de modo que tornam manifestas as suas mutuas relações. A Africa dá-nos, deste estado de perpetua transição, o mais perfeito exemplo. Não admira, pois, que ahi se levante, subitamente, um potentado e se forme um imperio, onde antes não havia senão tribus dispersas: e que esse imperio cresça, se robusteça, se estenda por varias regiões. . . incorpore e funda em si varios povos, para depois se desfazer com a mesma facilidade com que se formou e cresceu». ²

¹ Do Conde de Ficalho. *Plantas uteis*. Pag.^s 47, 50, 51. Capello e Ivens dizem que o chefe dos Jaggas se chamava Zimbo, e notam igualmente a simultaneidade destas invasões — *V. de Angola á Contra Costa*. Vol. 3.^o Pag. 368 e seguintes.

A estas palavras juntaremos a descripção que faz Fr. João dos Santos, da invasão dos Zimbos ¹ Ser-lhe-hão commentario.

«Um cafre muzimba, sendo senhor de uma pequena aldeia e de poucos vassallos, mas muito ambicioso de honras humanas, traçando em seu peito o modo que podia ter para ser grande senhor e nomeado pelo mundo, assentou que seria bom meio para este effeito sahir de suas terras, com mão armada, e destruir, roubar e comer toda a cousa viva que achasse. Este seu diabolico intento declarou a seus vassallos e a outros muzimbas da sua nação, aos quaes não pareceu mal sua determinação, porque como elles de ordinario são amigos de não trabalhar e de roubar e de comer carne humana, tinham alli occasião entre mãos para satisfazerem sua cruel e depravada inclinação. Assentada pois e concluida sua ida, sahiram de suas terras e começaram logo a exercitar sua furia em seus visinhos e foram por todos os logares e reinos da Cafraria, caminhando sempre para o Levante; pelas quaes terras iam destruindo e roubando quanto achavam, matando e comendo toda a cousa viva, assim homens, mulheres e meninos, como gado, cães, gatos, ratos, cobras e lagartos, sem perdoarem a ninguem, salvo aos cafres que se vinham para elles e os queriam acompanhar n'esta empreza, os quaes admittiam a seu exercito. E d'esta maneira ajuntaram mais de quinze mil homens de guerra, com que foram assolando todas as terras por onde passavam, que parecia um cruel açoute e castigo que Deus quiz dar a esta cafraria.» ²

Quiloa e Mombaça, que já então eram de mouros, foram destruidas, mas os zimbos foram repellidos pela guarnição portugueza de Melinde. Não foram os nossos tão felizes na Zambezia, pois ahi, em 1592, venceram e mataram os capitães de Tete e Sena, Pero Fernandes de Chaves e André Santiago, com mais de 130 portuguezes, e martyrisaram Fr. Nicolau do Rosario, padre de S. Domingos. Os seus destroços por toda a região foram taes, que no anno seguinte, D. Pedro de Souza, capitão general de Moçambique, foi para Sena, com uma expedição, para os bater; mas a expedição foi mal succedida; os zimbos mataram muita gente, tomaram a artilheria, «e com este desbarato e desgosto se tornou o capitão para Sena e d'ahi para Moçambique, sem fazer o que desejava». Os zimbos mais tarde composeram-se, com a condição dos brancos não intervirem nas suas lutas com as outras tribus, e Sena e Tete foram de novo guarnecidas por nós.

D'esta mesma raça dos zimbos ou muzimbos eram sem duvida outros cannibae, os *mumbos* que habitavam «defronte de Tete, da outra parte do rio pela terra dentro, que corre para o Nordeste e Leste. Uns e outros não sómente comem toda a gente que matam em guerra, mas tambem comem seus captivos

¹ Ethiopia Oriental — Liv. 2.º, cap. xx.

² Ethiopia Oriental — Liv. 2.º, cap. xix.

quando já são velhos e não prestam para trabalhar... Estes zimbos ou muzimbos não adoram idolos nem conhecem Deus, mas em seu lugar veneram e honram ao seu rei, ao qual têm por cousa divina e dizem que é o maior e melhor do mundo. É o mesmo rei diz de si que elle só é Deus da terra; pelo que, se chove quando elle não quer, ou faz muita calma, atira com setas ao céu porque lhe não obedece. É posto que todos estes comem gente, sómente o rei a não come por se não parecer com seus vassallos. Todos estes cafres, pela maior parte, são altos de corpo, membrudos e muito robustos. As armas que trazem são machadinhas, frechas e azagaias, e umas rodellas grandes, com que se cobrem todos, de pão muito leve, forradas de pelles de animaes silvestres. ¹

Por sobre populações agricolas e pastoris, já de civilização superior, mas fracas e mal armadas, passou, pois, como uma torrente assoladora, esta invasão de negros fortes, mais bem armados, selvagens e bellicosos; cortando e recortando territorios em diversos sentidos, conquistando terras, baralharam e misturaram as populações, que se vieram a confundir no labyrintho que hoje conhecemos e que ao sul do equador se torna quasi indiscriptivel». ²

Podem algumas das tribus, de que adeante fallaremos, ter tido origens bem differentes; ao presente, porém, depois de se terem todos fundido no mesmo forno, os elementos communs tornam-n'os difficilmente discreminaveis.

Assim, na segunda expedição de Francisco Barreto, temos noticia na Zambezia de outras duas tribus: os borores, que habitavam a margem esquerda do Zambeze e o sertão de Quelimane ao Chire; e os maganjas, entre o Chire e a Lupata. O rei destes, *Mongás*, estabelecido na margem direita do rio; entre Sena e Tete, foi um duro inimigo a Francisco Barreto, como o era do seu suzerano, o Monomatapa, que agradeceu ao portuguez tel-o vencido. Ladrões e guerreiros, estes mongas ou mongares, continuamente invadiam e raziavam as tribus visinhas, que os temiam e odiavam. Foi um rei do Boror que prestou a sua gente, como auxiliares contra elles, a Francisco Barreto. ³ Estes maganjas habitavam as duas margens do Zambeze; eram «gentios algum tanto baços, mui exforçados, e mais bellicosos que todos os que então havia nestes rios; e assim deram muito que fazer aos nossos conquistadores». ⁴ Representam naturalmente a primeira avançada do movimento que depois trouxe os zimbos. A sua lingua é porém hoje um dialecto kalanga. Por seu lado os

¹ Ethiopia Oriental — Liv. 2.º, cap. xvii e xviii.

² Capello e Ivens. De Angola á contra costa — Vol. 2.º, pag. 374.

³ Sobre a identificação dos *mongares* com os *maganjos* V. Padre Courtois, Notice chronologique sur les anciennes missions catholiques au Zambèze.

⁴ Ethiopia Oriental — Liv. 2.º, cap. vi.

borores, pacificos e agricultores, eram um ramo macua, como a sua lingua hoje o confirma. ¹

A outra grande tribu da Zambezia, que deu o seu nome á Maravia, era a dos maraves. Vejamos como o que della se sabe mostra a sua origem commum com os macuas, que temos estudado. O chefe supremo da sua nação chamava-se *Unde*; *Fumos* e *mambos* os chefes de região e povoação ² que lhe eram subordinados. A sua crença é n'um poder supremo e invisivel, ao qual não reconhecem attributo algum directo; e nas almas dos antepassados, *musimos*, dos quaes julgam receber todo o bem e todo o mal. São estes *musimos* que dão o poder aos seus *ganhos* ou feiticeiros, em que muito acreditam e que para tudo consultam. Recorrem tambem em juizo ao *moave* e ás provas de ferro em braza e agua a ferver. O seu alimento ordinario é milho grosso e fino; o seu vinho é o *pombe*. O seu modo de vestir consiste em cingirem a cintura com um fio, passando um panno ou uma pelle por entre o fio e por entre as pernas. Os homens trazem, n'um buraco feito na cartillagem inferior da orelha, uma grande roda de marfim ou estanho; As mulheres trazem o beijo superior furado e nelle uma roda de marfim ou estanho que chega a ser maior que uma tabula de gamão, o que lhes faz descer o beijo até á barba. Teem o corpo marcado de grandes lanhos, que se obteem por incisões feitas com instrumentos cortantes. ³

Temos, pois, uma tribu com as crenças, usos e caracteres dos macuas. Mas a sua lingua é o cafral de Tete, ou chi-nyanja, ⁴ isto é, pertencente ao grupo kalanga. E estê facto curioso não nos prova só a origem commum destas tribus, comunidade a que já nos temos referido, mostra-nos como ellas se encorporaram umas nas outras, adoptando em geral a lingua mais adiantada, ainda quando conservavam a sua civilização inferior. A mistura em todos os sentidos destas tribus é tal, que só o *habi-*

¹ Para evitar confusões devemos notar que o *Bororo* portuguez e o *Balolo* inglez são a mesma cousa.

² Tambem cada povoação tinha em chefe chamado *muene-muzi* (senhor da povoação). D'aqui deve vir o nome portuguez deste imperio: do *muene-nemuge*. A identificação deste imperio foi porém um dos problemas da geographia africana.

O reino de Munemugi de que falla Fr. João dos Santos, corria pelo sertão de Mombaça e ia até ás terras do Preste João. E este reino é conhecido por Duarte Lopes *entre os dois lagos do Nilo*. Burton é que o veio identificar com o *Unyamuezi*, região entre o Ru Kiva e o Tanganika. A essa região se reduz hoje esse formidavel imperio, da mesma forma que o Monomatapa já em tempo de Monteiro e Gamitto se reduzia á Chedima. As palavras *Nya-muezi* significam na lingua da região, montes da Lua. — Em Macua, dão, com a mesma significação *Namuli*.

³ Monteiro e Gamitto, o Muata-Cazembe. Pag. 46 e seguintes.

⁴ Comparar Monteiro e Gamitto, op. cit. Pag. 60, § 12 com Courtois *Grammatica tetense*.

tat as differença e um nome generico em regra d'um chefe mais celebre que vão conservando de geração em geração.

Estudemos agora os habitadores da parte sul da Provincia, de Inhambane a Lourenço Marques. Entre elles houve modernamente uma invasão, a dos zulos cujas consequencias ethnicas e linguisticas foram bem mais fortes que a dos zimbabuezes.

A gente que Vasco da Gama encontrou na Aguada da Boa Paz differia muito em lingua, costumes e feitio dos Hottentotes da Angra dos Vaqueiros. As nossas relações com elles foram, porém, a principio só occasionaes. Só em 1544, sendo capitão de Moçambique João de Sepulveda, é que vemos Lourenço Marques e Antonio Caldeira encarregados da descoberta da Costa para o sul do Cabo das Correntes. Nessa viagem foram reconhecidos os diversos rios que vão á Bahia em toda a volta da qual foram vistas innumeradas manadas de elephantes. D'ahi se reconheceu a vantagem de ahi ir a resgatar marfim, e todos os annos, «o capitão da fortaleza (de Moçambique) manda uma naveta á ilha de *Inhaca*, que está no rio de Lourenço Marques, a fazer resgate, donde lhe vae ambar, marfim, escravos, mel e manteiga, cornos e unhas de bada, dentes e unhas de cavallo marinho.»¹ Entre o Umfun, e o Maputo encontraram uma tribu cujo chefe chamado Inhaca era um velho cujas barbas lhe davam um certo ar de semelhança com Garcia de Sá, mais tarde governador da India. Este nome recebeu por alcunha e foi sempre amigo dos portuguezes.

As primeiras noticias, porém, que temos dos habitadores das terras da bahia provem das narrações dos sobreviventes de tres naufragios celebres no seculo xvi. O primeiro em data, o maior pela immortalidade que lhe deu Camões, é o de Manuel de Sousa Sepulveda em 1552 no galeão *S. João*. Segue-se em 1589 o do *S. Thomé* e o do *Santo Alberto* em 1594.

Depois de corrido com os mares que o saltaram na passagem do Cabo em março de 52, Manuel de Sousa veiu encalhar em junho proximo á foz do Umtanvuna (limite actual entre o Natal e a Pondoland), resolvendo ganhar Sofala por terra. No fim de tres mezes de soffrimento, tendo deixado muitos dos seus no caminho, chegaram ás terras do Inhaca, que o aconselhava a esperar alli a vinda da naveta annual de Moçambique. Apesar das instancias da mulher, D. Leonor de Sá, Manuel de Sousa recusou-se a acceitar este alvitre e continuou a contornar a bahia de Lourenço Marques, na esperanza de encontrar ainda a naveta no rio da Manhiça (Incomati). Os quinhentos naufragos do *S. João* eram apenas cento e cincoenta quando atravessando o rio do Espirito Santo alcançavam o territorio do régulo Fumo, contra cujas traições o Inhaca os prevenira. Fumo declarou-se prompto a auxiliá-los com a condição de que as armas de fogo seriam entre-

¹ Ethiopia Oriental. Parte 2.^a

gues. Manuel de Sousa, dementado pelos soffrimentos, surdo ás instancias da mulher, cedeu á imposição do negro. Fumo e os seus *encosses* cahiram então sobre os brancos desarmados, despojaram-nos de tudo e expulsaram-nos do seu territorio. Ao chegar ao do regulo da Manhiça, D. Leonor, despida pelos cafres, enterrou-se na areia, escondendo-se nella. Ahi morreu e o marido em seguida mettu-se ao matto e nunca mais appareceu. Já em 1553, um navio de Moçambique indo a Inhambanc, soube pelos indigenas que andavam alguns portuguezes pelo sertão e poude ainda desembarcar oito em Moçambique ¹.

A nau *S. Thomé* largou de Cochim para Portugal em janeiro de 1589; na altura da Costa do Natal mettia agua por tal fórma que foi resolvido abandonal-a. Os naufragos tomaram terra na Tongaland, proximo á bahia de Kosi, rio de Simão Dote; então habitava a terra uma tribu chamada Makomata. Chegados ás terras do Inhaca ahi foram tratados com a amisade já conhecida. D'ahi determinaram seguir por terra até Sofala, o capitão da nau Estevão da Veiga e mais doze companheiros, mais felizes do que Manuel de Souza e seus companheiros, todos lá chegaram a salvamento. O celebre D. Paulo de Lima, capitão-mór de Malaca, com sua mulher D. Brites, D. Maria, mulher de Guterre de Monroy. D. Joanna de Mendonça e os restantes portuguezes escolheram ficar nas terras de Inhaca á espera do navio de marfim. Alli morreram muitos de febres, incluindo D. Paulo de Lima e os sobreviventes entre os quaes os tres senhores embarcaram de facto no anno seguinte para Moçambique ².

Santo Alberto deu á costa a 24 de março de 1594 no Penedo das Fontes (Algoa bay) escapando se 125 portuguezes com 160 escravos. A terra era de hottentotes, mas um dos escravos percebeu-lhes a lingua e assim poderam communicar. O chefe da tribu chamava-se *Luspance* e foi-lhes um precioso auxiliar no seu arriscado empreendimento: ganhar atravez mais de mil kilometros de sertão desconhecido, as terras do Inhaca.

Todo o immenso territorio hoje comprehendido no Transkei, Tembuland, Griqualand, Natal, Zululand e Tongaland foi atravessado em tres mezes, deixando apenas 9 europeus no caminho. Em Lourenço Marques encontraram a naveta de Moçambique; oitenta e oito portuguezes e duas senhoras, D. Izabel Pereira e D. Luiza de Mello, que tinham supportado tanta fadiga, desembarcaram a salvamento em Moçambique a 6 d'agosto. Como todos não tinham cabido na embarcação, vinte e oito, com grande parte dos marinheiros do pangaio, metteram-se por terra para Sofala. Cometteram, porém, taes desordens pelo caminho, *que era bem conhecido*, que mui poucos chegaram o Sofala. ³

¹ Mc Call Theal-- Portuguese in South Africa. Pag. 166 e seguintes.

Quintella, Annaes da Marinha Portugueza. T. 1.º Pag. 452 e seguintes.

² Theal. op. cit. Quintella, Annaes T. 2.º Pag. 46. Fr. J. dos Santos, Ethiopia Oriental. Parte 2.ª, liv. 3.º, cap. III e IV.

³ Quintella, Annaes. T. 2.º Pag. 55 e seguintes. Theal. op. cit.

Não nos demoramos na descripção das tribus que os tripulantes destes tres navios encontraram pelo seu caminho. A raça era a mesma que a actual, com os mesmos costumes, fallando dialectos da mesma lingua, mas mui differentemente grupados. No baixo Limpopo vivia a tribu cruel e guerreira dos *Barumo* ou *Mafumo*. Um dos seus *claus* tinha-se separado della e fôra habitar entre o rio do Espirito Santo e o Incomati. ¹ Foram os martyrisadores de Manuel de Souza. Mais para o interior havia os *mena Ribombo* ou *Lebombo*. Entre o rio do Espirito Santo e o Maputo habitavam os *Tembe*. Seguia-se-lhes a tribu amiga do Inhaca. Para o sul, pela costa actual do Maputo, a tribu dos *Mekomata*, sob um chefe chamado Viragune. Depois os *L'ambe* ou *Abambo*, donde o Natal tira o seu nome bantu de *embo*.

As tradições do paiz davam já estas tribus como invasores e conquistadores. Tinham sido precedidos por uma raça inferior em civilisação, não conhecendo o ferro, de homens baços e pequenos, fallando aos soluços ou estalidos. Eram os Bushmen e Hottentotes. A invasão bantu parece ter chegado á região entre 1400 e 1500. Mas, cousa curiosa, esta invasão não parece ter toda a mesma origem. Ha tribus que se dizem, e se reconhece, vindas do norte, outras vindas do sul ou do sudoeste. E apesar da tradição universal que faz sahir do norte a invasão bantu, esta proveniencia meridional é facil de explicar. Depois de ter alcançado o extremo sul da Africa é possível que se tivesse dado um movimento retrogrado, um retrocesso violento, de que a invasão dos zulus. no primeiro quartel do seculo XIX, é tão caracteristico exemplo. E ha tanta mais razão para suppôr que isto deve assim ter succedido, quanto parece certo que as tribus, digamos assim, de origem meridional, são mais modernas que as de origem norte.

Já atraz fallámos dos *botonga*, de Inhambane, que identificámos com os actuaes *ma guambá*. É a proposito das primitivas tribus *tongas* da região citámos os *ma-klengues* ou *valengues*. Estes, de facto, não sabem donde tenham vindo e sempre se lhes conhece a existencia na margem oriental do Limpopo. Dahi se espalharam Chengané acima, formando os *maxive*, depois para o littoral de Inhambane originando os *tsua*, ² os *macuacua* e os *Cambava* até á foz do Limpopo, repellindo para o littoral a tribu *mindongue* ou dos *m'chope*, de costumes e lingua tão differentes, e que parece anterior ainda aos *valengues*.

Por sobre estas tribus primitivas temos duas principaes vindas do norte. A primeira é a dos *Bamaloï*, ou simplesmente *Loi*, habitando o rio dos Elephantes e a margem occidental do Limpopo, e que é de origem mocaranga, como os *bamaluecos* seus vizinhos do norte.

¹ Ainda hoje no dialecto rongá, Lourenço Marques é *m'fumu*.

² Os que sob o Binguana tanto resistiram ao Gungunhana.

Da mesma origem são os *Tembe* e os actuaes maputos. Ambos parecem provir do planalto, hoje chamado Pembe, entre o Pafuri e o Limpopo. Foram descendo pelos Libombos abaixo e passando o rio que primitivamente se chamou *Angete*, e que recebeu o nome de *Tembe*, naturalmente do chefe grande da tribo na epocha da migração, espalharam-se pela planicie desde os montes do Mussuete até ao mar. Coisa de dois seculos mais tarde, um irmão segundo do chefe grande, chamado Maputo, tornou-se independente e formou o regulado a que deu o nome. Na primeira metade do seculo XIX, os maputo tiveram um grande chefe chamado Macassana, que augmentou muito o poderio da tribo e lhe deu a supremacia sobre os Tembe que guardaram até hoje.

As restantes tribus dos districtos de Lourenço Marques e Gaza parecem ter origem meridional. Essa era a origem da tribo dos Barumo ou Mafumo. O chefe da raça, vindo do Mussuete, chamava-se Nhlaruti e deixou dois filhos, M'fumo e Matola, troncos de duas dynastias, que duram ainda agora. Da mesma região se dizem oriundos os Cossos, que permaneceram junto á lagôa Chuale por muito tempo, antes de conquistarem a actual Cossine, e os *Bila*, habitantes daquelle Bilene, valle inferior do Limpopo, cujas férteis lezírias tanta attracção parecem sempre ter exercido sobre as tribus das montanhas.

Estas tribus de origem meridional, mais bellicosas que as de origem mocaranga, ou que os primitivos botonga, são as que suppomos comprehendidas na designação de *landins*. Não ha nome nos nossos chronistas e escriptores mais difficil de se frisar. Um chronista anonymo do seculo XVIII, descrevendo a bahia de Lourenço Marques, diz, fallando dos indigenas ribeirinhos: «Todos estes negros são *landins*... mas querendo talvez explicar o termo accrescenta pouco depois «Todos os habitantes d'estas terras são *hottentotes* sem religião alguma.»¹ D'onde se vê a falta de precisão com que todos estes termos eram empregados. Mas Sebastião Botelho na sua Memoria Estatistica dá-nos umas indicações que apezar de confusas, nos podem ajudar a formar uma opinião. Da Botonga, diz elle, territorio vastissimo pertencente a diversos regulos, tem elles sido deitados fora á mão armada pelos cafres landins que he outro povo de cafres que se tem apoderado de todas as terras ao longo da costa. E' gente membruda, animosa e guerreira, que vive de roubar e matar, o que exercitam com os botonga povo menos bellicoso. Mais adiante accrescenta. Os landins que estacionavam no sertão d'Inhambane, sendo lançados d'ahi por aturadas guerras dos seus proprios naturaes demandaram estas terras (de Sofala). Em geral todos os landins são circumcizados por costume e não por motivo de religião. Trazem o rosto golpeado desde a fronte enfiando

¹ Memoria apresentada pelo governo portuguez para a arbitragem de Lourenço Marques.

do os golpes um atraz do outro pelo lombo do nariz, beijo de cima até á barba, e de fonte a fonte pela mesma maneira. Na rejigião; costumes e forma de viver semelham com os demais cafres, avantajando-se todavia no jogar das armas, na valentia do animo e nas forças do corpo. Muito antes da invasão dos landins, vieram outros povos conformando com os landins na origem; na circumcisão, na maneira de viver e mercadejar nas armas, e na maneira de as jogar, na linguagem, nas feições do rosto. ¹

São pois duas invasões successivas vindas do sul de indigenas com os mesmos caracteres, evidentemente da mesma raça e de mui proximo parentesco. Isto confirma a theoria atraz exposta, do refluxo da migração bantu do sul para o norte. Este refluxo parece ter-se dado em tres periodos; a invasão que teve logar entre 1400 e 1500 e que originou as tribus que chamamos meridionaes (a invasão muito anterior aos landins de que falla Sebastião Botelho) a invasão dos landins propriamente dita que parece ter-se originado já no actual Lourenço Marques e seguido d'ahi para Inhambane pela costa no ultimo quartel do seculo xviii e principio do xix, e finalmente no primeiro quartel deste seculo a invasão zulu.

Foi em 1819 que Manicusse fez a sua apparição em terras portuguezas, na Catembe que devastou. Seguiu pela bahia, subiu os Libombos, bateu os Cossos cortando d'ahi para o Bilene. Junto com um seu rival Songandaba, venceu outro chefe zulu, Nqaba ou Naba que os perseguira e repelliu-o para o norte. Depois brigou tambem com Songandaba que se viu egualmente forçado a seguir para o norte. Estes dois troços da tribu Zulo passavam o Zambeze em 1825 (data conhecida por um eclipse do sol) e iam fundar o imperio dos Anguni do Nyassa e do Mpeséne no Alto Aruangua ².

Estes ramos de zulos, antes de fugirem á tyrannia de Chaka usavam o nome de *Ngoni* (*aba-ngoni* no plural); angoni é a fórma usual do seu nome, e era o usado pela gente Manicusse ³, que conquistára o territorio immenso que ia do Incomati ao Luabo. Não é nosso intento seguir a historia do desenvolvimento e da queda do imperio vatua, iremos apenas procurar que influencias ethnographicas e linguisticas exercessem nas tribus avassalladas.

O traço caracteristico de todas estas tribus tonga, mesmo dos invasores landins, era a tatuagem, especialmente a da cara, vindo da testa pelo *lombo* ou *canna do nariz*, beijo superior até á barba,

¹ Memoria Estatica. Pag. 132, 174, 175, 176.

² Junod, Grammaire Ronga Pag. 15. Johnston, British Central Africa Pag. 392 — Gomes da Costa, Gaza. Pag. 61 e seguintes.

³ *Mú tua* — *bá-tua*, o zulo ou os zulós em *ronga* — donde nós fizemos *vátuas*. Vimos anteriormente que no primitivo bantu, *batua* era a designação de bushman. Ora a invasão vinha da região que estes habitavam, e os invasores tinham na sua lingu o *estalido* que caracterisava a delles. Talvez estas fossem as razões de receberem o mesmo nome.

e de fonte a fonte. D'ahi o nome de *Knob neusen* dado pelos boers a estas tribus ¹. Os angoni de Manicusse, porém, não se quizeram sujeitar a tal desfiguração e acabaram por vencer este antigo preconceito. Se muitas tribus vaturalizadas conservam a tatuagem do peito e corpo, a da cara desapareceu sendo substituída pelo distinctivo dos zulus, o furar o lobulo da orelha. Para se parecerem com os senhores da terra e não merecerem o termo desprezível de *matonga*, os vassallos, foram praticando essas largas aberturas tão pouco estheticas no parte inferior do pavilhão auricular. Ahi suspendem habitualmente as suas compridas tabaqueiras, quasi sempre envulcros metallicos de cartuchos.

Outro tanto acontece com o traje. Os tonga usavam apenas o *mbaya* especie de de envulcro tecido de folhas de palmeira; e desde logo adoptaram o *manjobo* dos seus conquistadores, cinto de cauda de rapoza e gato d'algalia; as largas manilhas de cobre dos zulus nas pernas e braços foram igualmente adoptadas, assim como a corôa de cera lisa e negra presa á carapinha, substituiu nos homens chegados a puberdade os antigos ornatos de metal polido que os tonga usaram.

Esta raça era e é ainda hoje essencialmente agricola. Não tinha instincto algum guerreiro. Tambem os angoni tiveram a habilitade de o cultivar e de o desenvolver, tornando os vaturalizados guerreiros tão valentes e tão audazes como elles proprios. Mas como nas suas razzias e expedições lhes davam a guarda avançada, os encarregavam para assim dizer de *abrir caminho*, d'ahi lhes veio o nome pelo qual são tão geralmente eonhecidos, *mabuingella*. ² E' a estes vaturalizados de orelha furada, guerreiros e bellicosos, aos *mabuingella*, que nós hoje chamamos *landins*.

Segundo uma grande auctoridade linguistica, ³ a lingua *tonga* ou *landin* já existia pouco differente da que existe hoje, na epocha da primitiva invasão (1400 a 1500). Como vimos as diversas tribus fallando tonga, tiveram origens muito differentes; não formavam um só povo, não tinham communitade politica porque não a tinham de origem. Depois, observamos no estudo dos diversos dialectos uma regularidade quasi mathematica na sua transformação. Isto é, um dialecto passa para outro por uma serie de gradações successivamente mais fortes á medida que nos vamos affastando geographicamente do habitat originario da

¹ No seu livro, Gaza, Gomes da Costa attribue este nome de Knobnose só a tribu dos Makaluecos; é porque é hoje a unica que conserva a velha tatuagem da cara e que se não *vaturalisou*, mas nem por isso são *bushmen*, mas sim *bantu*.

² *Mahunandjela*, gente que abre caminho, que vae adiante. São tambem chamados *machangana*, não de habitantes do Chengane ou Shangune, como alguns auctores dizem, mas do *ma-tshangana* abreviação de *ma-soshangana* gente do *soshangane* (um dos nomes do Manicusse).

³ Henri A. Junod, Grammaire Ronga. E' um dos suissos das missões de Lourenço Marques. O que aqui temos dito ácerca das tribus tonga é um resumo da introdução desta obra.

tribu que o fallava. Assim os dialectos hoje fallados no Intimane e na Chirinda são a transição entre o de Lourenço Marques e o da Cossine. Se os antigos invasores destas regiões extremas tivessem conservado a lingua particular do paiz donde vinham, teriamos hoje dois dialectos mussuates separados por dialectos tonga e ao pé de dialectos kalanga, o que não acontece. Temos pois que admittir a formação local de dialectos diversos sahidos d'uma lingua primitiva commum. Cada um se foi differenciando segundo uma evolução lenta obedecendo a regras fixas, até adquirirem caracteres proprios. E' bem natural que os invasores introduzissem particularidades do seu idioma na lingua adoptada dos vencidos; é facto mesmo que os linguistas tem reconhecido. Podemos pois concluir que da mistura da população aborigene com a invasora, se produziu um conjuncto de usos e costumes, se constituiu uma lingua, que eram os caracteristicos do estado de civilisação da raça tonga quando se deu a invasão zulu.

A alteração que, como já vimos, esta invasão produziu nos usos e costumes foi porém muito diversa emquanto á lingua. A lingua primitiva que nas invasões anteriores tinha vencido, a dos proprios invasores, tambem não desapareceu deante do anguni. Mas os chefes anguni não admittindo outra na discussão dos *mi-landos* e questões que tinham logar diante delles, obrigaram todos os homens a fallal-a. As mulheres porém iam sempre fallando a sua lingua primitiva e as creanças portanto fallavam tambem o seu dialecto nacional.

O costume seguido tanto pelo Muzilla como pelo Gungunhana de transportar os habitantes de um paiz para o outro, deu tambem em resultado formar colonias de gente fallando um dialecto, na area d'outro dialecto muito differente; tal era o caso dos *mu-jau* ou *ndjau* da Mussapa, transportados para entre Manguanhana e Chicomo. O primitivo dialecto do bilene quasi desapareceu diante da influencia anguni, tão forte nessa região, emquanto o rongá de Lourenço Marques se conservou.

Assim podemos concluir que os effeitos da invasão actual foram bem mais fortes que os das invasões anteriores.

Solida fôra a organização dada á raça zulu pelo genio de Chaka, invencivel o orgulho que a animava, e assim poderam matebeles e angoni correr a África desde a Zululand á Machona, desde Lourenço Marques ao Zambeze e ao Nyassa imprimindo nas raças avassalladas um cunho tão fundo que não só as encorporaram em si como elementos dos novos imperios mas as fundiram n'uma nova raça que subsistiu até á queda dos seus dominadores, ao desaparecimento de Lobengula e Gungunhana. Bastaram duas ou tres gerações ¹ para confundir em usos costumes e lingua vatuas e vaturalisados, transformados estes de pacificos agri-

¹-Nos Matabele, Mozilikatsi e Lobengula — Nos vatuas, Manicusse, Muzilla e Gungunhana.

cultores em guerreiros selvagens, que do Incomati ao Luabo tantas vezes fizeram ouvir o seu canto de guerra :

Uimeban, uimeban!
Uime a parese come jab!

E a dureza das luctas que inglezes e portuguezes tiveram que supportar para expulsar de Buluvayo e de Manjacase os grandes chefes da raça zulu e de Ulundi o Katchivaio, a aspreza das revoltas acabadas nos Matoppos e em Mepulangene, mostram a tenacidade e resistencia d'uma raça que fundando taes imperios na Africa Austral soube dar assim a mais elevada prova de capacidade que conhecemos á raça negra.

II

O territorio hoje comprehendido na provincia de Moçambique foi pois primitivamente occupado pelos *Bushmen* e *Hottentotes*, e pelos *Bantu* desde os tempos historicos. As principaes differenças entre estas raças são as que constam dos caracteristicos que seguem.

Bushmen — Microcephalia; capacidade craneana comprehendida entre 1195 c. c. e 1288 c. c.; côr amarello-parda baços; esqueleto de anões; cabello salpicado em tufos de carapinha; olhos pequenos e muito encovados; pavilhão auricular sem lobulos, ventre saliente; dorso encovado; pernas delgadas. Selvagens caçadores, habitando cavernas, usando arco e settas hervadas; laços de governo apenas os de parentesco; animal domestico só o cão; linguagem abundante em estalidos e sons gutturaes (soluços) ¹

Hottentotes. — Mesocephalia; capacidade craneana entre 1350 e 1450 c. c.; côr variando desde o amarello á côr de azeitona; esqueleto franzino mas mais alto que o bushmen; carapinha salpicada aos tufos; nariz achatado; olhos obliquos e affastados. Pastores, menos selvagens que os bushmen, conhecendo a metallurgia, usando a azagaia, rodella e moca; arco e settas hervadas; laços de governo de chefes de clans (aggremações de familias); animaes domesticos, o boi, o carneiro, o cão; linguagem menos abundante em estalidos, sem soluços; inflectindo-se por meio de affixos, com tres numeros, e systema de numeração decimal.

Bantu — Megacephalia; capacidade craneana superior a 1485 c. c.; esqueleto tão bem formado como o europeu; cabeça coberta de carapinha; côr, pardo escuro a preto; nariz achatado

¹ A lingua Bushman, é um dos infimos meios de exprimir ainda as ideias mais simples; o plural é formado pela reduplicação; a sua numeração não vae alem de tres; apenas é susceptivel de se reduzir a escripta.

mas ás vezes proeminente; pastores e agricultores, conhecendo a metallurgia, usando a azagaia, machadinha, moca e rodella; alguns arco e settas; governo regularmente constituido com um completo systema de leis; animaes domesticos, o boi, o carneiro, a cabra, o cão, a gallinha; linguagem musical, euphonica; palavras abundantes em vogaes, inflectindo-se para produzir harmonia nos sons.

Na epoca da descoberta, vimos que essa raça bantu se subdividia em tres grandes grupos; n'elles se podem ainda filiar quasi todas as tribus da provincia como se vê do quadro seguinte:

BANTU	Macua	Macua	}			
		Malomué				
		Ma-konde				
		Mavia				
		Borores				
	Mocaranga	Masengas	}			
		Maraves				
		Macangos				
		Maganjas				
		Massingires				
Tonga	Machonas	}				
	Manicos					
	Ba nyai ¹			Nan hungues ou variungues de Tete		
	Bitongas ou hotongas			}	Va-nhai de Sofala	
	Mindongues ou muchopes					
	Maguambas			}		
	Ma baluecos					
	Ma klengues ou valengues.. . .					Masivis
						Tsua
						Macuacuas
	Cambanes					
Matembes e maputos.....	}	Landins ou mabuingella				
Mabalaios.....						
Cossos.....						
Bilos ou bilenes.....						
Rongas . { M'fumos						
{ Matollas.....						
Zulu-ajau	Manguní, ou abagaza, ou vatuas.	}				
	Mavitti, ou mafites					
	M'tabelles ou tavallos					
	Maguanguares					

Os macua representam talvez o mais antigo vestigio da primeira migração bantu. O seu nome ainda hoje recorda as velhas relações da costa de Moçambique com o Oriente. Cua (*ma-ncua* ou *ma-cua*, ou *Ba-coa* d'onde os diminutivos *ma-cuana* ou *be-cuana* ou *be chuana* hoje nomes de regiões) é o nome bantu d'aquella raça oriental de pesquisadores de oiro que atravessando

¹ Sobre a identidade dos *ba nyai* com os *mocarangas*. V. Bent, Ruined cities, Pag. 32. *Mocaranga* teve em inglez a forma *makalanga*, donde os *makalaka*.

das ilhas Comoro a Moçambique foram descendo a costa até Sofala e até ao Limpopo subindo os valles do Save e deste rio até ás antigas explorações do Rand e de Manica. E' natural que esse nome ficasse ás primeiras tribus bantu que invadiam a região cujos portos elles frequentavam. E o *habitat* dessas tribus invasoras, tão bem marcado entre o Rovuma e o Zambeze e entre o Nyassa e o Indico explica a pouca alteração que essas tribus soffreram desde essa epocha remota. Tanto mais que a grande linha de invasão bantu deu-se pelo planalto central africano, destacando uma ou outra mancha pela bacia dos rios abaixo até ao mar. Ainda hoje o *macua* representa uma das primitivas fórmulas do *bantu* e os dialectos das tribus *tonga* que representam os aborígenes em relação aos seus vizinhos, isto é, das mais antigas dessas tribus ¹ assemelham-se muito mais ao *macua* que a qualquer dos dialectos *karanga*. Podemos assim suppôr que depois d'uma primeira camada *macua*, alastrando-se pouco densa pela costa abaixo até ao Zambeze, veiu uma segunda de gente menos bravia fallando um dialecto mais aperfeiçoado, que foram os *tonga* primitivos. Segundo o uso destas invasões negras, os primeiros habitantes desapareceram perante a invasão ou fundiram-se nella. Uma mancha apenas representa talvez hoje os *tonga* primitivos entre o Zambeze e Limpopo: São os mindongues ou mu'chope. A sua tatuagem, na cara, peito e ventre, limar dos dentes incisivos, o pintarem-se de barro vermelho, o uso do arco e da setta, são caracteres ainda primitivos. De todas as raças do districto d'Inhambane, diz Caldas Xavier, é a mais selvagem nos seus usos e costumes. ²

Foi depois da invasão *tonga* que appareceram os *karanga*. A sua linguagem, «a melhor e mais polida de todas as linguas de cafres» os seus usos e costumes tambem mais polidos, a sua organização e fórmula do governo já mais complexa, tudo denota um grau de civilização bem mais subido e por isso mesmo uma apparição muito posterior. O *habitat* primitivo da raça, foi o planalto central entre o Zambeze e o Save. Ahi, durante seculos, os *filhos do sol* (*Ma* ou *Ba* radical de filiação; *ca* restricção, *langa* sol) foram a principal tribu, do imperio do Monomatapa. Hoje, seculos de razzias, teem tornado os machonas seus descendentes uma raça de *ilotas* fugindo de medo perante os *matabele* seus senhores, dando-se ao Norte do Save o mesmo caso que entre os

¹ Bitongas, ma-guambas, ma-baluecos, ma-klengues.

² Caldas Xavier: o Inharrime e as guerras zavallas. Bol. S. G. L. 2.^a serie; Torrend nada diz d'esta tribu, Junod diz apenas que a sua lingua é diferente do *tonga*. Gomes da Costa diz o mesmo; a sua lingua differe inteiramente do *landin*, ou lingua fallada em quasi todo o districto (de Gaza) a ponto de se não entenderem mu'chopes e bilenos, Gaza. Pag. 27. O isolamento em que se conserva esta tribu tambem parece indicar a sua origem primitiva. E' pena não haver ainda um estudo da lingua para se poder resolver a questão.

vatuas e matongas. Mas do planalto até ao mar, também se alastrou o imperio Mocaranga, e já fallamos nos reinos do Quiteve e de Manica, que nos deixaram os *mu-jau* e os *ma-nica*, de que um dos ultimos chefes, Mutassa, teve ha annos bastante celebridade. E igualmente desceram migrações mocarangas até á bahia de Lourenço Marques, onde a sua mistura com os tonga, cuja lingua adoptaram, nos deixou os *tembes e maputos, ma-baloio e rongas*¹.

Tribus da mesma raça foram ainda mais alem, mas um primeiro movimento de retroceso trouxe-os a misturarem-se por sua vez com os tonga, dando-nos os mussuates, os cossos, os bilenes. E mais tarde quando já constituídos na mais forte nação negra da Africa Austral, uma serie de luctas intestinas originava o importante movimento que ia fundar o imperio de Lobengula onde outr'ora fôra o Monomatapa subordinando aos matabele as tribus de raça karanga, ao passo que os *angune*, por seu lado, alcançavam a hegemonia sobre a raça tonga.

Na classificação que fizemos, agrupamos as tribus da Provincia de Moçambique pelo parentesco dos dialectos da mesma lingua e pela communitad de usos e costumes. Não ha ainda hoje outro criterio na classificação dos povos bantu e é elle que nos permite metter na mesma chave tribus ás vezee tão differentes como os cossos, por exemplo, dos ma-baluecos. E' sobretudo a afinidade das linguas que nos dá essa liberdade. Mas no fundo, a communitade de tradições e semelhança de usos e costumes é também muito grande. Infelizmente é-nos impossivel precisar os caracteres anthropologicos e ethnographicos que caracterisando cada tribu de per si nos permitem differencial-a de todas. Não podemos fazer mais do que indicar os caracteres communs a toda a raça bantu, differenciando, quando muito, os das grandes subdivisões della na Provincia. E' o que vamos agora fazer.

Mesmo na descripção geral dos usos e costumes dos bantu, e na indicação também geral dos seus caracteres, se podem considerar tres grandes divisões quasi correspondentes aos tres grandes grupos principaes em que encerramos as tribus de Moçambique. O primeiro grupo comprehende as tribus da costa ao sul do Save; o segundo encerra as tribus que ha coisa d'um seculo habitavam o grande planalto central e que d'elle desceram até ao mar entre o Zambeze e o Save; o terceiro, finalmente, contem as tribus entre o Rovuma e o Zambeze e entre o Nyassa e o mar.

Anthropologia. Aos olhos do Europeu, á sua primeira vista pôde dizer-se uniforme o typo de toda a raça negra da Africa Oriental e mesmo o das suas differentes tribus. Comtudo é em geral facil, para o observador já pratico, distinguir pela sua physionomia, uma tribu da outra. Mas ainda que de facto haja uma parecença difficil de definir, uma semelhança especial de caracteres,

¹ Sobre a descida dos mocarangas ou kalangas até ao Natal, vide Bent, Ruined cities. Pg. 33.

entre os individuos da mesma tribu, são tantas as excepções a esta uniformidade de typo que um negro da costa occidental entre qualquer tribu da costa de Moçambique pôde facilmente passar por uma simples aberração do typo local. Em geral ha tribus com individuos mais altos e mais bem feitos que os de outras, mas em todas ellas se encontram individuos muito altos e muito baixos, muito escuros e muito claros. Nos dois primeiros grupos a côr corresponde sensivelmente ao n.º 3 da escala de Topinard, isto é, chocolate escuro. Nos macuas da costa a côr é mais *terra de sienne*, mais perto do n.º 4 da mesma escala. Em todos tres se encontram casos especiaes de coloração inferior, taes como o xanthismo (côr amarello pardo) e mesmo albinismo. Já Fr. João dos Santos fallava dos *cafres alvos* que encontrára entre os mocarangas.

Os casos de xanthismo, especialmente quando se dão entre as mulheres, são muito apreciados pelos negros. A mais leve coloração da pelle é sempre para elles um signal de superioridade de raça, um signal de belleza.

E' lembrar o que atraz dissemos, dos primitivos habitadores do Monomatapa que obrigaram os arabes invasores a casarem annualmente um certo numero de rapazes com as raparigas da terra; instinctiva tentativa de melhoramento e apuramento de raça.

Não se pode, porém, dizer que haja alguma tribu africana onde a familia do chefe, ou onde a casta dominadora apresente como character uma coloração mais clara. Tal não acontecia nem sequer entre os vatua e os matongas. O Gungunhana era mais escuro que muitos dos chefes vatuas, e exceptuando talvez o Jambul, todos os da familia do Muzilla, irmãos e descendentes eram escurissimos. Mas nem por isso deixa de ser verdade que a maior, ou mais escura, coloração da pelle corresponde em geral á raça inferior e em regra na costa oriental ás tribus primitivas ou mais antigas.

Tambem pelo que respeita a feições se encontram variedades desde as correspondentes ao mais baixo typo negro: beiços espessos e projectados, nariz largo e chato, fronte estreita, até quasi ao typo europeu. Em geral, porém, o *lombo* do nariz é largo, deprimido na região malar, as ventas largas e abertas. Os beiços são em geral divergentes e largos, mostrando sempre uma larga porção de mucosa vermelha. Quando o desenho da bocca é mais fino e os labios mais delgados, a mucosa corada não se vê. Os dentes são especialmente bons: grandes, muito regularmente collocados e muito brancos.

Em muitas tribus, a pelle e os dentes soffrem modificações artificiaes. A pelle é tatuada, os dentes são parcialmente limados ou afilados. E ambas estas modificações são tambem mais usadas nas tribus primitivas. Nos macuas a tatuagem é um signal distinctivo das tribus: os macuas propriamente ditos usam na testa um crescente com as pontas viradas para as fontes. Os de Angoché usam na testa dois semi-circulos parallelos com as pontas para baixo e dentro delles cinco linhas verticaes. Aos cantos da bocca formam uma especie de X com dois semi-circulos. No Mue-

bazi substituem a meia lua ou crescente por duas linhas curvas que partindo dos sobrolhos se prolongam para o alto dos temporaes. O corpo é cheio de golpes e cicatrizes mais ou menos symmetricos. As mulheres não golpeiam o rosto nem usam pelo corpo cicatrizes tão salientes como as dos homens. Em compensação fureram o labio superior na continuação da divisoria nasal e mettem no orificio uma rodella de madeira ou marfim cujo diametro chega a 4 e 5 millimetros. E' o *pellele*. Este uso, porém, vae desapparecendo entre as mulheres dos regulos e em geral nos macuas da costa.

Os chopes tambem tatuam o corpo todo com desenhos variadissimos. Uns e outros limam os incisivos até lhe darem a fórma triangular.

A tatuagem era egualmente geral entre as primitivas tribus tonga como atraz vimos. Tatuavam-se em traços fundos e parallellos nas fontes e faces e em linhas verticaes na testa e atravessados pela canna do nariz a baixo (donde o nome *Kuobneusen* dado pelos boers).

Tambem vimos já como esta tatuagem, signal distinctivo das tribus tonga, foi depois da invasão zulu substituida pelo *furar da orelha*, hoje traço caracteristico de todo o vaturalisado (landin ou mabuingella).

Em toda a raça bantu a carapinha cresce por egual na cabeça e não aos tufos e salpicada (*floconné*) signal caracteristico dos Bushmen-Hottentotes. As tribus superiores ou mais civilisadas usam-n'a em regra curta.

Os landins ou vaturalisados teem tambem como signal distinctivo a corôa de cera preta e lisa, presa á propria carapinha que em todo o interior della é cuidadosamente rapada. As tribus primitivas usam a carapinha comprida, ás vezes enrançada e em complicados penteados, outras vezes cahindo em franjas até ao pescoço, franjas que enrançam com missanga de varias côres.

O cabelo do corpo é em quasi todas as tribus tirado á pinça. Sendo sabido que o cabelo da face é muito uma questão de cultivação, como diz Johnston, não admira que a barba dos negros seja em geral rala e espalhada e o bigode nullo ou quasi nullo. Em regra tambem o cabelo da barba e bigode tem menos tendencia a *encarapinhar* que o da cabeça e do corpo.

Nas tribus da Costa, principalmente as do primeiro grupo, os corpos são erectos, bem construidos, musculosos, fortes e com as pernas symmetricas. A altura regula por 1^m,62. Entre os vatua e principalmente no Bilene é corrente encontrar homens de 1^m,78 a 1^m,91 ¹. Tambem as tribus primitivas são mais baixas e mais mal conformadas, chopes e macuas já não passam de 1^m,54 a 1^m,60. Em todas as tribus as mulheres são sempre physicamente

¹ Todos os homens da companhia de cypaes de Gaza em 1897 tinham mais de 1^m,81. Era tudo gente do Bilene.

inferiores aos homens. E' tambem outro symptoma de que a raça negra se acha muito mais perto da animalidade que a branca, pois é bem sabido que entre os animaes o macho é sempre mais bello que a femea e só no homem civilisado é a mulher mais bella que o homem. Os trabalhos domesticos, a cultura dos campos, as cargas com que carregam as mulheres negras explicam a paragem do seu crescimento.

A força physica, a resistencia á fadiga variam immenso de tribu para tribu. São tambem em geral mais notaveis nas tribus superiores. E' claro tambem que muitas das suas modificações são devidas á adaptação especial ou aos usos de cada tribu. As tribus bellicosas do sul, especialmente sob a influencia vatua, adquiriram pela treinagem das constantes luctas uma força physica, uma resistencia á fadiga muito superior á do macua, por exemplo, ou das tribus não vaturalisadas. E a inferioridade destas não se manifesta só physicamente mas traduz-se e revela-se em toda a sua attitude.

O matonga fugidiço, medroso, acanhado de estatura, miudo de feitio está em opposição completa com o angueue ou o landim, robusto e direito, com perfeita harmonia de movimentos com a elegancia no andar, com o arreganho e a *pamporria* de toda a sua attitude, de todo o seu feitio.

A physionomia do negro é muito menos capaz de traduzir emoções do que a do europeu. Comtudo pode dizer-se que o fundo do seu character é alegre, e que mesmo em circumstancias para nós difficeis e graves, provoca-se-lhes facilmente o riso. O seu riso vem-lhes do intimo, é uma risada franca, e chega muitas vezes a ser agradável. Isso denota a sua indole em geral socegada e indolente. Mas esta apparencia não deixa de esconder as mais selvagens paixões. E nada é mais differente do que o negro que vemos espojado no sombreiro da povoação ou acocado em volta da fogueira em ameno palratorio, do que esse mesmo negro emplumado e armado em guerra. As paixões, porém, se são selvagens e violentas, se rompem de repente, tambem depressa amortecem e desaparecem, e todos nós que combatemos em Africa sabemos bem o que significa a expressão: *preto está cansado de guerra*. A persistencia no esforço não é o seu forte. São mesmo incapazes d'essa persistencia e em qualquer esforço, e isso explica mais do que tudo a sua incapacidade como raça, para uma civilisação superior. E' deveras notavel como um selvagemzinho negro aprende a lêr, a escrever, chega a ser um bom operario, um telegraphista, etc. Mas em creanças são muito mais engenhosos e agudos d'intelligencia do que depois de crescidos. Ao chegarem á puberdade começa a evidenciar-se uma manifesta tendencia para estacar esse desenvolvimento intellectual. E n'este periodo critico muitos exemplos brilhantes de especial cultura cahem em nullidades. Segundo alguns dos mais profundos observadores da raça negra é este facto devido ao especial desenvolvimento do sentido genesisico.

Ethnologia. O periodo da manifestação d'esse sentido é solem-

nisado por meio de cerimoniaes de iniciação especiaes para cada sexo. Dos 15 para os 16 annos, em regra, todos os rapazes da tribu são circumcisados. Mas este rito é simplesmente civil, originado em necessidade organica e não tem nada de religioso; isto é, não é peculiar aos bantu mahometanos. Se o chefe da tribu tem um filho proximo á idade, a cerimonia da circumcisão é demorada para o resto da tribu por forma que elle tenha o maior numero possivel de companheiros n'esse acto. D'esses companheiros sahem mais tarde os seus *secretarios* e chefes de guerra, e os seus guardas de corpo. E este laço é considerado inseparavel e é respeitado mesmo com sacrificio da propria vida.

A celebração da cerimonia da circumcisão é acompanhada de varias circumstancias, algumas inoffensivas, mas outras criminosas e repugnantes para os europeus.

N'algumas das tribus do interior, principalmente nas de origem mocaranga, os rapazes circumcisados em cada tribu formam uma associação indissolúvel; nenhum dos membros d'esta associação pode nunca depôr em juizo contra outro. Os ritos de iniciação, apesar de se conservarem secretos, são bastante conhecidos nos seus pormenores. O principal consiste na infusão de coragem, intelligencia e outras qualidades. Do corpo d'um inimigo morto com valentia, tirava-se o figado, considerado séde da intelligencia, a pelle da testa séde da perseverança e diversos outros orgãos séde cada um de qualidades apreciaveis. Eram todos assados juntos e reduzidos a cinzas. E durante as cerimoniaes, os feiticeiros misturavam estas cinzas com diversos outros ingredientes e ministravam essa mixordia aos *neophytos*. Esta pratica é a causa da mutilação dos corpos dos inimigos mortos, pratica vulgar nas tribus da Zambesia.

Ao chegarem á puberdade tambem as raparigas são recebidas como mulheres por um conjuncto de cerimoniaes, tendentes em geral a apagar, se por acaso existe, qualquer vislumbre de pudor, cerimoniaes cuja descripção é impossivel.

As tribus bantu são polygamas. O casamento é em geral feito por meio de compra e sem a menor cerimonia religiosa, apenas comezainas. O rapaz que quer casar procura mulher que lhe agrade, e em seguida falla com o pae d'ella e combina-se o preço. Mas as mulheres nem sempre casam de vontade e muitas vezes são vendidas pelos paes ao comprador que mais offerece. A situação da mulher não é porém a de uma escrava: não pode ser trespassada nem o homem tem o direito de a maltratar. Os maus tratos do homem, a sua ausencia por mais de 3 ou 4 annos, o seu adulterio, o desamparo, são motivos para a mulher obter o divorcio. Por seu lado o homem pôde obtel-o tambem pelo adulterio da mulher, pela fuga desta, por continuas dissidencias. A recusa á prestação dos deveres conjugaes é, em ambos os casos, um motivo de divorcio.

A riqueza de um homem é avaliada pelo numero de mulheres e pelo de cabeças de gado. E' sobre a mulher que recae o trabalho domestico e do amanho das terras (colima da *machamba*)

e é ella que tem que provêr á alimentação do casal, excepto pelo que respeita carne e leite. Cada mulher occupa a sua palhota na povoação e nessa palhota vão vivendo os seus filhos. O homem vive em todas as palhotas e demora-se em cada uma o tempo que lhe apraz.

A castidade no casamento pôde dizer se que não existe. E' rara a mulher que não tem um amante, e apesar de ser motivo para divorcio, o marido contenta-se em geral com uma indemnisação em fazendas, gado ou dinheiro. E' rara a tribu em que o adultério seja considerado caso importante, excepto quando tem logar com um branco. Em geral um caso destes dá logar a serias complicações e infinitas reclamações, e as vinganças são ás vezes terribes.

Mas se o europeu procura obter mulher *legitimamente* se quer *casar cafrealmente* então não encontra senão agrado, boa vontade e condescendencia.

Os chefes poderosos das tribus importantes são em geral muito ciosos dos seus *harens*. Casos ha, porém, em que por velhos e impotentes, ou para segurarem os serviços e auxilio d'algum rapaz lhe cedem temporariamente uma ou mais das suas mulheres. Os filhos resultantes desta união pertencem sempre ao marido.

Além do casamento por compra ha o casamento por captura, talvez a causa principal das luctas entre tribus. É tanto que é difficil fazer perceber ás praças indigenas alistadas nas companhias de guerra da Provincia, que não tem direito a tal recompensa depois d'uma campanha. E' preciso tambem accrescentar que as mulheres não oppõem a menor resistencia em mudar de marido por esta fórma. Tudo se passa com grande algazarra e gargalhada.

O concubinato dá-se muitas vezes conjunctamente com o casamento, principalmente nos chefes. A primeira entre as mulheres, ou pela sua ordem, ou por escolha especial é a mulher grande, e abaixo das mulheres ha as concubinas ou escravas, que em geral são presa de guerra.

Nos usos dos casamentos das tribus da costa oriental, dá-se uma differença notavel entre as tribus do interior e as do primeiro grupo e entre as tribus primitivas e as de civilisação superior. Um homem das tribus da costa por caso algum toma como mulher qualquer rapariga que pelo sangue seja aparentada com elle, por mais remoto que seja o parentesco. E o escrupulo é levado tão longe que o casamento se não effectua, mesmo com uma mulher de outra tribu se por acaso tem o mesmo nome de familia, ainda que não seja possivel a averiguação de qualquer parentesco. Nestas tribus o homem é considerado protector de todas as suas parentas em 3.º ou 4.º grau a todas as quaes dá o nome de irmãs. Ora nas tribus do interior e nas tribus primitivas um homem casa em regra com filhas dos irmãos de seu pae com o fim de conservar os bens na familia. Pois este costume, chamado *união de cães* não contribue pouco para o desprezo em que os landins tem os matonga, attribuindo-lhe o idiotismo e a de-

mencia de facto muito muito mais frequentes entre as tribus primitivas.

A não ser os casos especiaes atraz referidos, póde dizer-se que não existe a polyandria entre os bantu.

Os nascimentos não são celebrados com qualquer cerimonia religiosa. O nome da creança é dado pela parteira ou pelo pae, e tem sempre uma significação qualquer. Muitas vezes é um nome de familia que tem já umas poucas de gerações. Mas como com as ceremonias da puberdade lhes é mudado o nome, o primeiro tem sempre menos importancia, tanto mais que não ha maior injuria para o indigena homem que chamal-o pelo seu nome de creança. Na maior parte das tribus é o proprio indigena que escolhe o seu segundo nome.

Em regra até um mez lunar depois do nascimento de um filho o indigena não póde ter relações com a mulher, e essa separação começa algumas semanas antes da data presumida do parto. As creanças que nascem defeituosas ou aleijadas são quasi sempre mortas. A creança nascida morta é cortada em pedaços e enterrada sob a palhota da mãe. N'algumas tribus o nascimento de dois ou tres filhos mortos ou morrendo pouco depois de nascidos, obriga o pae ao suicidio, por estrangulação ou com um tiro debaixo do queixo. O nascimento de gemeos tambem não é bem recebido e quasi sempre um delles é morto.

O costume de lavar e ungir os mortos com oleo é para assim dizer geral. Estas ceremonias são exercidas pelos mais proximos parentes do morto, irmãos ou irmãs. E durante uns poucos de dias são considerados *impuros* e vivem e comem em commum fóra das povoações. O costume de envolver o morto em pannos (brancos em geral) só se encontra nas tribus mais relacionadas com europeus e parece ser de origem mahometana. As tribus primitivas contentam-se em amarrar ou ligar os corpos em tiras de cascas d'arvores. São enterrados sentados, com os joelhos de encontro ao peito e os braços amarrados em volta das pernas. As tribus em que a influencia mahometana se faz sentir enterravam os seus mortos deitados ao comprido. As ceremonias do luto constam de cantos e danças e choros de carpideiras. Ha em geral um cemiterio fóra de cada povoação, mas muitas vezes os chefes ou personagens importantes são enterrados na propria palhota assim transformada em monumento funerario, fechado, e onde nunca mais ninguem entra.

O costume de matar escravas ou mulheres do morto e enterrar-as com elle quasi desapareceu. Mas o que é quasi geral é a deposição junto do corpo de artigos de alimentação que são periodicamente renovados.

Nada ha mais difficil do que precisar com alguma exactidão as ideias d'uma raça tão primitiva como a negra, sobre os mais elevados problemas da existencia humana nas suas relações com o Poder Superior, com o Creador.

São forçosamente obscuras e mal definidas as noções que lhe possamos descobrir sobre a existencia desse Ente Supremo, so-

bre a vida futura, etc. Em geral, porém, o negro parece crer que a vida não acaba quando o corpo morre. A noção, vaga e indefinida, d'esta immortalidade, foi naturalmente adquirida pouco a pouco e por gradações insensíveis. De principio pareceria estranho que um grande chefe, um valente guerreiro desaparecesse d'uma vez para sempre, quando a sua acção fôra tão grande, e se fizera sentir tão fortemente durante a sua vida. Como notou Sir Harry Johnston, parece que o Bantu foi pouco a pouco edificando ou realisando o seu deus, sobre a primitiva noção do antepassado. É sem ir buscar a *moloch* a etymologia de *mulungu* ou *muluku*, é curiosa a synonymia desta palavra em todas as linguas bantu com o *grande*, o *velho*, o *antigo*, o *homem importante*. Se juntarmos a esta origem a personificação dos grandes phenomenos physicos, o trovão, o raio, a chuva, o sol, etc., teremos talvez as duas origens da noção do Ente Supremo, do Ser Superior, commum a todas as tribus bantu.

Apezar de não julgarmos preciosa a expressão *abstracta* applicada a uma noção concebida por um negro, devemos dizer que esse Ser Superior parece, na sua credence, ser *abstracto* ou pelo menos desinteressado do que se passa na terra. É facto que os indigenas não o relacionam como causa de qualquer bem ou mal que lhes sobrevenha, nem lhe prestam a menor semelhança de culto. A quem imploram, de quem esperam ajuda e protecção, é dos *espíritos dos mortos*, dos chefes ou antepassados. Esta expressão, *espíritos* tambem não é precisa, porque o negro não tem nem ao longe a concepção d'uma existencia espiritual e immortal separada do corpo. Tem como crença firme que a vida se prolonga depois da morte, d'uma fôrma differente da que se lhe conhece, differente sobretudo por ser *invisível*. Mas esta segunda existencia não é necessariamente perpetua, e o *espírito*, ou antes, *o ser tornado invisível* desaparece ou some-se passado algum tempo assim como a sua influencia sobre quem continua n'este mundo ¹.

Não existe nos bantu a menor ideia de recompensa ou punição nessa segunda vida; mas não deixa de haver a vontade de não ser desagradavel aos espíritos dos antepassados, e de não desmerecer do seu bom conceito. Quando estive em Gaza em 1895, o Gungunhana defendeu-se muitas vezes de entregar os chefes rebeldes, Zichacha e Mahazul, dizendo que queria ir de cabeça direita para ao pé do Muzilla seu pae. O receio de offender o espirito d'um grande chefe morto, e de attrahir assim a sua colera traduzida em mil males, é nas tribus bantu um dos mais fortes elementos de submissão ao chefe. E tanto mais, quanto mais os diversos *clans* da tribu forem governados por parentes proximos

¹ Apezar da crença n'esta *especie* de immortalidade não ha nos negros a menor ideia de *resurreição*. Ha mesmo em quasi todas as linguas bantu um proverbio que diz — *cs mortos não voltam*.

do chefe grande ou regulo. A religião era assim um poderoso factor de governo; o chefe é o representante, o descendente d'aquella antiga linhagem de espiritos cuja colera é má de desafiar.

A baixo, em escala, destes espiritos de chefes e antepassados ha uma classe de *espiritos anonyms*, demonios maleficos, gozando em perseguir e atormentar o negro. A sua acção exerce-se em todo e qualquer acto da vida humana e d'ahi a necessidade de adivinhar sempre o que os espiritos tencionam fazer, a necessidade de os tornar propicios, a necessidade de remediar ou evitar as suas coleras. Os intermediarios entre a humanidade vulgar e esses maleficos seres, os que lhes *sabem as manhas*, permitta-se-me a expressão, são os *feiticeiros*.

Ha coisa de tres seculos que Fr. João dos Santos escreveu: «crêem muito estes cafres em suas feitiçarias». Ha meia duzia d'annos Theal podia ainda dizer «A crença em feitiços é profunda e universal». Em theoria os bantu admittem que certas pessoas adquirem dos espiritos malignos ou *demonios*, o poder de *enfeitiçar* os outros, causando-lhes doença, morte, ou mal de qualquer natureza. Contra estes feiticeiros combatem os *mezinheiros* ou *curandeiros*. D'estes uns são tambem feiticeiros, isto é reconhecem dever o seu poder sobre o corpo humano aos espiritos ou a feitiços. Outros são simplesmente individuos com um especialissimo conhecimento de drogas e simples, por meio das quaes curam sem por isso desdenhar o uso da charlataneria tão vulgar dos feiticeiros, dos ritos mysteriosos, das substancias magicas que elles empregam.

O conhecimento de drogas e simples medicinaes é real e verdadeiro em muitos indigenas. Nós apenas podemos dizer que «ha muito que aprender com elles sob este ponto de vista»¹ Não são raros os casos de doença aparentemente incuravel em que um indigena pede para ir *fazer mezinha* para o matto. E d'ahi a tempos volta á sua povoação perfeitamente curado. Hoje já na pharmacopeia ingleza se usam simples tomados dos indigenas. Citaremos apenas o *Strophautus* de que o Buchanan foi o primeiro a dar noticia ao mundo civilisado.

E' claro, porém, que muitas vezes o doente não cura. Ora, em regra, o indigena attribue sempre a morte por doença a feitiço. A morte por accidente, desastre, ou na guerra, essa provém de um acto de vontade do Ser Supremo contra a qual nada ha a fazer. Essa não envolve feitiçaria, salvo o caso da morte ser devida ás feras; então suppõe-se ser causada por algum antigo inimigo transformado em leão ou tigre. A crença nesta transformação póde tambem dizer-se universal. E não é raro encontrar algum maniaco

¹ Dr. Kew Cross, chefe do serviço de saude ha muito anno no protectorado inglez do Nyassa. Citado por Johnston. British Central Africa, Pg. 442.

que em periodos de sua vida se declara leão e tigre e procede como tal. Não ha muitos annos, deram-se successivamente diversos attentados e assassinatos no Chilomo inglez. Foi agarrado, preso em flagrante, um preto velho que embuscado n'um caminho de trasito assaltava e matava os viajantes. Declarou com a maior naturalidade, que muitas vezes se mudava em leão e que não podia deixar de atacar e matar como os leões faziam tambem.

Na sua viagem ás terras do Changamira, Paiva d'Andrada falla em maniacos dessa ordem, os *pandoros*, que existem egualmente no districto de Tete, no Barne, no Mazoe, etc. Esses *pandoros* vivem á custa dos povos, impondo-se-lhes como entes sobrenaturaes. A's vezes os *pandoros* são mulheres, e o mesmo explorador cita uma celebre Clara, *pandoro* de grande fama e conselheira do Bonga de ominosa memoria ¹.

Quando a morte, porém, é attribuida a feitiço o feiticheiro denunciado pelo *adivinho* ² tem, em geral, que passar pelo muave.

Já atraz notámos que das diversas provas judiciaes, a do muave, (nome generico para indicar a prova por meio do emprego de substancias venenosas) é que parece ser mais especialmente de invenção africana. Muave é a fórma aporuguezada da palavra bantu *mwai* nome d'uma arvore ³, cuja casca reduzida a pô é dada a beber com agua. Fr. João dos Santos, Gamitto, trazem curiosas descripções d'esta prova, hoje muito em desuso pelo alargamento da influencia europeia. Mesmo os macuas contentam-se muitas vezes em dar o muave a um cão, representando este animal o seu dono. Este tem a decisão a favor se o animal escapa. É mais simples e mais inoffensivo.

N'uma terra onde a falta de chuva é tão prejudicial não admira que esse phenomeno fosse tambem envolvido em feitiçarias. Fazer chuva, trazel-a ou paral-a á vontade é tambem especialidade d'uma classe especial de feiticheiros. Muitas vezes a sua previsão depende apenas do conhecimento d'alguns signaes metereologicos mais ou menos sensiveis na região. Tamanho poder é, porém, em geral reservado pelos chefes para si proprios. Alguns mesmos se declaram inspirados directamente pelos espiritos, para evitar a apparição de impostores, que dizendo-se possuidores de tal inspiração ficariam, a dar-lhes credito o vulgo, seus eguaes em poder, senão superiores.

¹ Relatorio de uma viagem ás terras do Changamira por Joaquim Carlos Paiva d'Andrada, capitão d'artilheria. Estes *pandoros* africanos trazem á memoria os *lobis-homens* da Europa.

² Classe especial de charlatães cuja particularidade é descobrirem os feiticheiros. Muitos são evidentemente impostores; mas tambem se encontram maniacos convencidissimos na sua habilidade em descobrir o que não existe.

³ *Erythrophlacum ordale* — V. Conde de Ficalho—Plantas uteis. Pg. 164 e seguintes.

De feitiços fazem os indigenas largo uso: tanto como preservativo de qualquer desastre, quanto como *porte bonheur*. São em geral bocados de madeira, ossos ou dentes, pendurados em volta do pescoço. E' firme a crença em feitiços e drogas que dão poder, por exemplo, a uma azagaia de nunca errar o alvo, ou a um individuo o de tudo lhe sahir bem. Tambem se não inicia cousa alguma de importancia, muito menos guerra, sem longas praticas de adivinhações, muitas vezes revoltantes crueldades praticadas sobre animaes.

Sobre animaes dizemos nós, e cremos bem ser essa hoje a regra geral. Mas não vae longe o tempo em que as praticas cannibaes eram correntes na raça bantu. Foi a nossa influencia e a dos arabes que as começaram a combater, e d'ellas vem, cremos nós, a origem da crença que attribue as mortes ao feiticeiro. Em muitas raças sobretudo no interior (os mananja, por exemplo) onde estes individuos são o terror das populações, esse terror provém do gosto depravado dos feiticeiros pela carne humana putrefacta. Se o cannibalismo desapareceu como uso geral ainda se encontra como pratica horrorosa entre individuos depravados, que não usam da carne humana fresca, mas a vão cavar depois de dias e semanas de sepultura.

Isto é um facto sem exaggero algum ¹. E os negros crêem que se o feiticeiro causa a morte de alguém é para depois lhe devorar o corpo. E' claro que por sobre o facto positivo d'alguns casos de cannibalismo, ha um amontoado espantoso de superstições, e poderes sobrenaturaes são attribuidos aos feiticeiros. Depois do negro morto, e enterrado, o feiticeiro chama-o pelo seu primeiro nome, por aquelle que largou na circumcisão. Daqui vem naturalmente o horror que o indigena tem a ser chamado por esse nome. Chamado assim o morto sahe da cova, e o feiticeiro separa-o em pedaços e come-o.

Com credices destas não admira que seja importantissima entre os indigenas a profissão de adivinho ou *descubridor de feiticeiros*. São em geral velhos, que dizendo-se dotados do mesmo poder dos feiticeiros, o empregam contra elles. E' um facto curioso, porém, que a maior parte das vezes o feiticeiro accusado d'uma morte não nega, talvez orgulhoso por se reconhecer o seu originario poder, talvez com esperanza de vomitar o muave e ficar são e salvo. E' tambem facto que o effeito do muave depende muito da maneira como é preparado e o preparador é tambem meio feiticeiro e facilmente peitado por este.

¹ Já atraz fallámos da mutilação dos inimigos na guerra e no uso especial dos seus orgãos. — S. Johnston. British Central Africa. Pg. 446 e seguintes. — Makangira depois da sua derrota pelos inglezes, cioso do poder e influencia de um dos seus chefes de tribu, fel-o matar, e tendo o depois cosinhado distribuiu-o n'um grande banquete. O missionario suiso Liengme, garantiu-me que na festa do *inquaiá* o Gungunhana fazia sacrificios humanos. V. tambem Junod, Grammaire Ronga. Pg. 19,

Nem sempre, porém, o feiticeiro era submettido apenas ao muave. Tribus ha em que as mais atrozes torturas o esperavam. Theal cita o caso em que uma feiticeira da Pondoland em 1892 chegou a ser assada tres vezes em dois dias depois de ter sido exposta nua á mordedura d'um formigueiro exasperado. Só os chefes não podem nunca ser accusados de feitiçaria e não é das menores prerogativas dos seus cargos.

As tribus bantu compõem se d'um certo numero de familias (clans) cada uma com o seu chefe mas reconhecendo todas a suprema auctoridade d'um certo individuo. Muitas vezes os chefes das familias eram parentes do chefe supremo ou regulo, e então a tribu apresentava um todo homogeneo, tendo cada individuo interesse na republica ou causa commum; outras vezes as familias, conquistadas na guerra, repartiam-se entre os vassallos d'um regulo poderoso, e então a cohesão natural era muito menor entre os diversos elementos da tribu ainda que o poder do chefe se fizesse sentir mais forte e mais efficaz.

Em regra podemos dizer que nas tribus primitivas a auctoridade superior á do chefe de familia era nominal na maior parte dos casos. Como cada familia possuia por completo o seu mechanismo administrativo, só em casos excepçionaes o chefe supremo era chamado a intervir, em geral em casos de disputas ou luctas armadas entre essas familias. Em caso, porém, de guerra entre tribus então o chefe assumia por assim dizer a dictadura, e ás suas ordens todos tinham que obedecer. Despotico em theoria, em regra, o poder do chefe soffria muita modificação e era muito atenuado. Junto de cada um funciona sempre um conselho composto dos *grandes*, isto é dos que se distinguem pela idade e poderio, dos chefes de familias principaes. Este conselho é ouvido em todas as questões que interessam a tribu. A opinião d'este conselho é obrigatorio ouvir e muitas vezes seguir. E como um fugitivo acolhendo-se á protecção de um chefe estranho é sagrado, um regulo pouco popular ou demasiado tyranno está sempre exposto a perder os seus subditos. E' outra causa de temperança ao despotismo.

Mas apesar das atenuantes, o poder dos regulos é muito grande. Julgam sem appellação e em ultima instancia as causas de vida ou de morte, que são em geral as de homicidio, adulterio com alguma das suas mulheres, ou qualquer ultraje á sua pessoa ou familia. Das sentenças dos chefes de familia ha recurso para elle logo que as partes se não dão por satisfeitas com a resolução da causa. Proprietario de todo o territorio da tribu só o chefe distribue e cede para agricultura os differentes quinhões ás familias; nestas, isto é, em cada povoação, o terreno cultivado é propriedade commum. Por analogia, em todas as terras avassaladas á Corôa Portugueza, é segundo o direito bantu, o Rei o unico proprietario do solo e o regulo gosa d'elle em usufructo: o seu direito passa a derivar do do Rei. E sempre que se dá a conquista d'uma tribu ou mais por outra, dá-se o mesmo factó: o regulo conquistador é considerado o unico possuidor do solo e delle só

derivam todos os direitos. Assim o Gungunhana era o unico possuidor do solo desde o Incomati ao Pungue, e não só do solo, mas de todas as riquezas d'elle, ou que sobre elle viviam, os rebanhos e manadas de gado por exemplo. Com a conquista de Gaza e com a perda do imperio vatua, essa posse passou para o Estado, para o Rei, segundo a personificação indigena.

Os direitos que o regulo tira da propriedade do solo são egualmente usufruidos por aquelles a quem elle cedeu parte dessa propriedade. Os chefes de familia ou de povoação representam o senhorio da propriedade commum á familia, e é como tal que tem assento no conselho, na banja, como se diz em landin, e que são ouvidos. Quando estive em Gaza admirei-me de não vêr na banja onde se discutiam interesses vitaes para o dominio vatua, o chefe supremo de guerra, o Maguiguana: foi-me explicado que não sendo vatua, mas sim landin, não podia possuir o solo, não era senhor de terras e não tinha portanto logar no conselho ou parlamento. Mais real e mais facilmente perceptivel onde a organização social é mais forte, como se dava no imperio vatua, esta noção da propriedade não deixa de constituir a essencia do direito indigena em todas as tribus bantu.

A lei de successão de governo varia das tribus primitivas para as outras. Entre os macuas e nas mais antigas tribus tonga succede ao regulo o sobrinho filho de irmã que mais sympathico é aos grandes da tribu. A hereditariedade é na familia e não individual, e temperada pela eleição. Na falta de sobrinho filho de irmã, succede um irmão do regulo.¹

Nas tribus, porém, mais civilisadas é differente a lei de successão. As primeiras mulheres do chefe foram em geral filhas dos principaes grandes de seu pae, ou de chefes visinhos e importantes da mesma raça. Muitas vezes a mulher grande só é declarada quando o chefe já está avançado em idade. O filho mais velho da mulher grande é o herdeiro da corôa. Mas os filhos mais velhos de cada mulher (não concubina) de chefe, tem direito a receber alguns dos de sequito de seu pae e de formar assim uma nova familia, cujo governo lhe era por completo entregue logo depois da iniciação. Acontecia assim muitas vezes que estes chefes secundarios mais velhos que o herdeiro presumptivo, iam augmentando o seu poder e creando adeptos durante a menoridade d'elle. E chegado este á maioridade, era fatal uma guerra, aliaz, quasi de obrigação em todas as successões. Temos em tempos antigos as luctas constantes entre os pretendentes a *monomatopa*; temos modernamente as guerras de Muzilla e Maueva, o assassinato de Mafemane pelo Gungunhana, as guerras constantes en-

¹ Nas terras que correspondem ao antigo reino de Quiteve, os regulos são sempre mulheres — V. viagem ás terras dos landins por Paiva d'Andrada e os Estudos para o Caminho de ferro da Beira a Manica por J. Renato Baptista. Não sabemos, porém, quando começou este uso nem como se regula a successão.

tre os successores de Macombe no Barué; guerras que não pouco contribuíam para enfraquecer o laço, digamos, nacional, originando a formação de novas tribus, a emigração de familias, e introduzindo novos elementos de confusão entre a já tão confusa historia dos povos africanos.

A herança da propriedade seguia a mesma lei que a herança do regulado ou chefatura. A cada homem em casando é distribuida uma *machamba*, ou terreno para cultura; os irmãos segundados do herdeiro teem direito a ser ajudados até casar ou arrumar a sua vida. Os paes muitas vezes compram as mulheres para os filhos e lhes dão meios para se estabelecer. A propriedade cedida a cada homem casado, ou chefe de familia, fica na posse e uso desse individuo emquanto a aproveitar. Não a pôde, porém, arrendar, emprestar, trocar ou alienar por qualquer fórma. Se a não cultiva, se a abandona sem auctorisação do chefe, perde o direito a ella e é tirada á sua familia. A posse da terra em que assentam as palhotas é regulada da mesma fórma. Além do terreno assim concedido a cada familia e julgado indispensavel para a sua manutenção, todo o restante terreno da tribu é de uso commum e propriedade do chefe que pôde indicar que porções deverão ser utilizadas ou aproveitadas conforme as estações.

O systema de leis nas tribus bantu mantem-se por tradição e estas são em geral tão conhecidas em cada tribu que as questões ordinarias resumem-se em investigar dos factos e em provar as circumstancias, As leis provêem d'uma epocha que a propria tradição não alcança e são por tal fórma respeitadas, que quando se não conhece nenhuma que seja applicavel a um caso que se julga, não se pronuncia sentença para não abrir precedentes; já disse-mos que das sentenças dos chefes de familia ou de povoação havia appellação para os regulos.

A lei considera o incriminado culpado emquanto não provar a sua innocencia. O chefe de familia é responsavel pelo comportamento dos membros da sua familia e o de povoação pelo dos habitantes della. Ninguém pôde allegar ignorancia dos actos de um visinho ou parente; a lei torna-o responsavel por elles, punindo-o de ter desprezado uma obrigação que deve á commuidade: o de ser espia de cada um no interesse de todos. Não é só em theoria que cada indigena é naturalmente um *policia secreto*.

Os processos são sempre publicos e despertam sempre o maior interesse. São julgados pelo chefe assistido pelo conselho. O queixoso ou um amigo seu dirigem a accusação, o accusado ou um seu amigo defendem-se. Os debates são compridissimos, as testemunhas quasi sempre numerosas de parte a parte, e os negros dão largas á sua natural propensão para o palratorio ¹. Juiz e pu-

¹ Não me esquece a primeira vez que tive que resolver um *milando*. Já farto de ouvir o queixoso, perguntei ao interprete o que é que elle disse: «Senhor, ainda não disse nada, está só a fallar».

blico ouvem com a maior compostura, sem uma interrupção e com uma paciencia inexgotavel. Terminados os debates, os conselheiros, que querem, dão o seu voto, e o chefe pronuncia acto continuo a sentença. Em geral só pôde ser de duas especies, se não ha absolvição: pena de morte, ou multa. Exceptuam-se os casos de feitiçaria de que já atraz fallei.

A lei, porém, não é igual para todos. Já vimos tambem que o chefe estava isento da accusação de feiticeiro. As suas pessoas são tambem inviolaveis e qualquer attentado contra elles, contra pessoas de sua familia, ou contra propriedade sua, é considerado sempre offensa gravissima e a pena de morte cahe sem excepção sobre o deliquente. Os membros da familia do chefe ainda quando muito afastados, gozam de privilegios especiaes e em geral pôde dizer-se que a lei não existe para elles. Atraz fallámos já do horror que ha nas tribus da costa aos casamentos consanguineos. Pois os chefes podem impunemente casar com parentes proximos sem offender o sentimento publico: precisaram ir buscar mulher de nascimento condigno para perpetuar a raça.

Cremos que se pôde afirmar que nas tribus primitivas a escravidão não existia. Mas tambem não é menos certo que a escravidão é uma instituição da Africa indigena originada provavelmente pela antiga influencia dos arabes e pelo demorado contacto com elles. Originando-se todos os direitos no de conquista, tornava-se o conquistador proprietario de tudo quanto conquistava, inclusivé, os habitantes do solo. Para os vatuas, os matongas não vaturalizados eram cousa sua, e tanto que pela morte de um delles, pagava o criminoso uma multa ao chefe vatua da região, como indemnisação pela perda que este soffrera. A escravidão domestica não é, porém, considerada um mal pelos indigenas pois a sua sorte não é peor que a da mulher indigena em geral. O que caracteriza esse estado é a obrigação de trabalho por tempo indefinido e sem direito a indemnisação algum; mas isto varia desde a escravidão até á simples dependencia do senhor, ou servidão. Muitas vezes ainda o servo é da propria familia do senhor; assim eram para os chefes vatuas as mulheres de raça tonga.

D'esta escravidão, ou servidão, differe por completo o *trafico de escravos*. Os arabes que foram decerto os primeiros a estabelecer-o na costa oriental para fornecer os mercados da Asia com concubinas negras, com escravos negros e com guerreiros negros¹. Assim se foi desenvolvendo esse trafico, que nós encontramos e continuámos, seguidos tambem por outras nações europeias até que Wilberforce e a sua escola se levantaram contra

¹ Eram escravos os guerreiros africanos dos califas de Bagdad — Eram escravos os *munhaes* de monomotapa, guerreiros constituindo uma casta, e que algumas tem querido fazer raça. Eram escravos os antigos *cipaes* dos prazos da Zambezia e de Sofala — São escravos ainda os actuaes *maferire* do Marave.

os seus horrores. E hoje pode dizer-se extinto. Mas a escravidão indigena não acabou, e eu quero transcrever aqui um testemunho insuspeito desse facto, insuspeito também na maneira como a encara, o de Sir Harry Johnston ¹. «A attitude da administração inglesa a respeito da escravidão na Africa Central tem sido a seguinte: nunca a reconhecemos: mas sempre que ella existe, sem que tenha chegado ao nosso conhecimento algum caso de *trafico* ou de mau tratamento dos escravos, não temos tentado abolir esse estado. Se um escravo foge d'um districto ainda não administrado por nós para outro mais regularmente collocado sob a acção do Protectorado, recusamos, naturalmente, entregal-o. Se era uma escrava, concubina ou mulher e não podia attestar maus tratos da parte do homem, era-lhe entregue mediante a promessa de ficar sem castigo. Quando por qualquer causa ou razão assumimos o governo de um districto, informavamos sempre os escravos de que já o não eram, e de que podiam ir para onde quizessem. Mas raras vezes succedeu que escravos bem tratados quizessem abandonar o senhor; e se escolhiam ficar escravos ninguem intervinha nessa decisão».

Segundo o direito arabe, a escravidão, ou antes a servidão mais ou menos formal, resultava da expropriação das terras por virtude da conquista. Esta dava o *senhorio*, isto é, a soberania alliada á propriedade; mas esta propriedade applicando-se ás pessoas, traduzia a obrigação dos povos submettidos n'um *serviço*, n'uma *capitação*. Essa capitação que os arabes estabeleceram por toda a parte onde estenderam as suas conquistas, era na Zambezia o *mussoco*. Faltando-lhe a proporcionalidade que caracteriza o imposto, o mussoco é um serviço, e pode portanto ser prestado em trabalho. Daqui sahiu, fundado historicamente nos resultados da influencia mahometana, o actual regimen dos prazos da Zambezia ²

Na parte da Provincia que não soffreu essa influencia, nem por isso deixa de ser principio de direito indigena a servidão resultante da conquista e a expropriação das terras como consequencia della. Se a obrigação pessoal se não representava na capitação, era apenas este signal sensível que lhe faltava, signal que provinha também apenas da especialmente civilisada administração do conquistador.

Os dois elementos essenciaes do regimens dos prazos, subsistem, porém, e tornam por isso possível a sua applicação onde as raças, estando já avassalladas, se habituaram ver no pagamento do *imposto de palhota* o signal sensível da sua servidão.

Entre as tribus que mais soffreram da influencia arabe, vimos

¹ British Central Africa — Pg. 158 — The slave trade.

² Veja-se o luminoso relatório da comissão encarregada de estudar as reformas a introduzir no systema dos prazos de Moçambique, e de que foi relator Oliveira Martins.

já a constituição d'uma guarda especial do chefe, constituída por escravos; formavam assim um nucleo de exercito permanente. Conservando esta tradição, formaram os primeiros emphyteutas dos prazos as suas ensacas de cypaes, e o uso que d'ellas faziam não foi das menores causas do descredito da instituição. Foi com os seus cypaes que João Bonifacio conquistou a Maganja da Costa em 1861; deixou as terras em morgadio aos seus chefes de guerra ou d'ensaca, os *cazembes*, que elegendo entre si o *capitão da aringa*, formaram uma republica militar independente governada por um *dictador* eleito e que durou até que em 1898 o tenente da armada João Coutinho a conquistou de novo para a corôa.

No geral, porém, das tribus bantu, era uma das attribuições do chefe da tribu o chamar gente para a guerra. Como só elle a podia declarar, só a elle competia chamar gente. Mas este serviço cabia a todos os homens validos: todo o indigena, mesmo o mais pacifico, era occasionalmente um combatente. Foi preciso a invasão zulu para trazer para a Provincia uma organização militar que se pôde dizer perfeita, comprehendendo nas suas *mangas* toda a população valida repartida entre ellas por edades. Não era, porém, só a organização militar zulu que era notavel, era muito mais o espirito guerreiro, o orgulho da profissão, a coragem intemerata que revelam uma educação militar especialmente cuidada. Nada ha mais digno de nota do que a transformação das tribus *tonga* tão pacificas, agricultoras tão pacientes, no guerreiro landin. E curioso seria hoje vêr o que subsiste dessa organização, sobretudo depois da derrota e morte do Maguiguana, pois em Macontene ainda elle nos apresentou os restos das mangas do Gungunhana ¹.

Os processos de guerra tambem variam conforme as raças, mas podem-se comprehender em tres grupos geraes. Temos entre os macuas a guerra de guerrilhas, lucta de desgaste, demorada e que termina só pela exaustão. Durante semanas, em combates diarios, não se vê um inimigo. Combatem a coberto, procurando sempre attrahir o europeu a alguma cilada, cedem o campo rapidamente quando atacados, mas voltam d'ahi a pouco, incommodam incessantemente e são tenazes adversarios, difficeis de subjugar, porque difficilmente se lhes pôde dar uma valente sangria.

No valle do Zambeze temos a guerra de cerco. Cada povoação é uma aringa, murada de troncos entre pallissadas, difficil de assaltar. E durante o cêrco é contar com toda a sorte de estratagemas destinados a produzir o panico entre os sitiantes para cahir sobre elles á machadinha. E' exemplo do primeiro genero de guerra, a dos Namarraes; temos o segundo nas guerras dos Bongas, tivemos finalmente a *grande guerra* africana contra os landins e vatuas ao sul do Save. Ahi as immensas planuras prestam-

¹ Sobre a organização militar vatua, V. Campanha das tropas portuguezas em Lourenço Marques e Inhambane.

se ao desenvolver das mangas na sua classica formação envolvente, dispondo-se em volta da hoste branca, e a sua intemerata bravura leva-os a atirarem-se para cima das descargas em columna cerrada, procurando o choque, enquanto a dura experiencia os não ensinou a procurar esse corpo a corpo pelo avançar lento mas continuo d'uma espessa linha de atiradores.

A arma de fogo é geral entre as tribus da provincia, desde a *lazarina* e a espingarda de pederneira, até á caçadeira de elephantes, á Snider, á Albini, á Martini e até á express-rifle.

Arcos e settas primitivamente, hoje azagaia, machadinha e móca constituem o bastante armamento.

As habitações ou *palhotas* dos indigenas da provincia de Moçambique teem em geral a parede circular de caniço enlodado ou maticado e o tecto conico de colmo. Nas tribus primitivas a parede tem 1^m a 1^m,5 de altura e o tecto excede-a ligeiramente. Mas nas tribus landins e entre os vatuas o tecto conico chega ao chão e só se entra na palhota de gatas. Assim se entrava na *palhota regia* do Gungunhana. Na costa do districto de Moçambique a influencia arabe, e a nossa depois, introduziram a habitação rectangular e com janella. Apesar do primitivo da sua construcção, umas e outras estão perfeitamente á prova do vento e da chuva. No centro da palhota é a fogueira, em volta da qual se dorme. Quasi só para dormir o indigena faz uso da palhota, pois a não ser em occasião de temporal, passa o dia ao ar livre, em geral no *sombreiro* da povoação, falando e discutindo, fumando e dormindo. Mesmo entre as tribus que só usam a palhota circular, o *sombreiro*, simples tecto de colmo assente sobre estacas, apresenta muitas vezes a fórma rectangular.

A reunião de palhotas d'uma familia e seus adherentes constitue a *povoação* ou *curral*, d'onde os primeiros boers fizeram *kraal*. Entre os landins o curral é circular e fechado, e comprehende as habitações do chefe da povoação e sua familia, mulheres e filhos, e dos adherentes e sujeitos a elle. Em geral, os curraes são mudados sempre que morre o chefe; é uma das causas principaes da incerteza na localisação das povoações indigenas, mesmo as mais importantes. Muitas vezes o chefe mudava a sua residencia por uma razão politica, como o Gungunhana mudou o manjacaze da Mussapa para Cambana, para sustar as velleidades de independencia do Bilene, e d'ahi para o Manguanhana, para fugir á nossa acção no Limpopo; uma epidemia, a apparição repetida de feras, são outras tantas causas de mudanças analogas.

O gado bovino constitue a principal riqueza dos landins e é uma moeda e um meio de troca de grande valor. O gado é muito especialmente cuidado, com muita pericia, e esse cuidado não era considerado emprego aviltante nem mesmo para o maior chefe. Pelo contrario, todo o cuidado do gado incumbe aos homens e os chefes esmeram-se em mostrar os seus conhecimentos. O Gungunhana passava as suas manhãs nos seus curraes de gado e capava elle mesmo os toiros para mostrar a sua habilidade. Cabras, carneiros, gallinhas e cães constituem os restantes animaes domes-

ticos. O comer carne é considerado um signal de riqueza. Ha tribus, porém, que não comem gallinhas, os vatuas, por exemplo, que tambem não comiam peixe. O leite guardado em odres de pelle e adquirindo assim um ranço especial, é muito apreciado, mas a manteiga e o queijo são totalmente desconhecidos. A base da sua alimentação é vegetal. Coisa curiosa: dos dois productos base d'esta alimentação, o milho e a mandioca, nenhum é indigena de Africa. A mandioca é mesmo recente, pois Fr. João dos Santos, tão minucioso na enumeração dos productos vegetaes, nem sequer a menciona. Parece ter sido introduzida primeiro em Angola e depois na costa oriental por nós, que a trouxemos do Brazil. Se o sorgho, de origem asiatica, foi introduzido pelo Nilo, o milho (mayz) de origem americana foi tambem introduzido por nós. O seu nome geral é *massa*, e com a *macaca*¹ constitue quasi o exclusivo alimento das tribus macuas.

A batata doce tambem não é indigena d' Africa, e á costa oriental tambem fomos nós que a levamos da America. As bebidas principaes são tambem de origem vegetal. E' o *pombe*, cerveja de milho, a aguardente de caju, distillada do fructo do cajueiro, e entre as tribus tonga de Lourenço Marques o *ocanha* especie de limonada esverdeada, preparada com o fructo do *nkanhe*, e que os inglezes chamam *Kafir-plum*. No mez de fevereiro as tribus todas vivem em constante alegria pelos resultados d'essa bebida. Tambem entre os macuas, o *tempo do caju* é aquelle em que as incursões e depredações entre tribus são mais frequentes. Manufacturas e industrias são naturalmente rudimentares e a importação dos artigos europeus tem aniquilado muitas dellas. Os maravistas ainda no tempo de Monteiro e Gamitto. eram ferreiros peritos e as enxadas de seu fabrico eram objecto de commercio em toda a provincia. Hoje a industria do ferro resume-se na adaptação do material europeu aos usos indigenas, transformando arcos de barril em facas e punhaes ou refundindo enxadas para fazer azagaias.

O vestuario pode dizer-se quasi todo importado, excepto o *manjobo* dos landins e os mantos tecidos de *m'puto* dos muchopes e matongas. Da mesma fôrma os objectos de uso domestico, primitivamente de fabrico indigena, panellas, cestos, esteiras, travesseiros ou descansos de cabeça, copos ou taças de madeira etc., vão tambem sendo cada vez mais substituidos pelos artefactos da industria europeia. Sobretudo nas povoações do littoral e em volta dos centros europeus é já raro encontrar algum objecto de fabrico indigena, algum *curio* como os inglezes dizem. E tanto

¹ E' uma das fôrmas inspidas do *cucumis melo* de Linneu. Nós chamamos-lhe vulgarmente *pepino* e a elle se referem Monteiro e Gamitto, dizendo que «o pepino de Tete tem a fôrma de melão e gosto de pepino, mas amargoso». Os soldados, na campanha dos Namarraes, apreciaram-n'o muito e chamavam-lhe *melancia*.

que já no Natal e no Cabo ha fabricantes d'esse *bric-à-brac* africano.

Temos procurado dar uma ideia quanto possivel exacta e precisa do estado social do indigena de Moçambique. E' um selvagem que precisa primeiro que tudo, ser *domesticado*. Nós applicamos-lhe a Carta Constitucional, d'esse *cidadão portuguez* fizemos um *eleitor*, e carregamos para cima delle com toda a nossa legislação; uniformisamos tudo no papel, julgando assim *civilisal-o*. Ainda hoje Moçambique está á espera d'uma legislação indigena apropriada, d'alguma coisa que se pareça com as *native laws* das visinhas colonias inglezas. Da constituição indigena da familia, da sua organização governativa, da administração da sua justiça, da sua constituição da propriedade, cremos nós que se devem tirar os elementos para essas *leis*, que deverão ir modificando os usos selvagens, cortando as praticas barbaras, mas não querendo fazer dos indigenas, *brancos de côr preta* se assim me é permittido expressar. Não os devemos querer assimilar a nós, partindo do principio que são eguaes a nós menos na côr. Não são tal eguaes, são inferiores. E são n'o tanto mais que quatro seculos de contacto com a civilisação europeia não tem revelado na generalidade delles, grande aptidão para a nossa cultura.

Nas escolas, nas missões, a creança indigena depressa alcança o nivel da creança branca; muitas vezes mesmo a excede. Privada de qualquer ajuda, a creança indigena basta-se a si propria muito mais cedo que a do europeu. Mas esta vae-se ainda desenvolvendo e abrindo a sua intelligencia quando o bantu já estacou e se tornou incapaz de maior progresso. O seu intellecto tornou-se preguiçoso, dorminhoco, incapaz de aprender mais. O crescimento, o desenvolvimento da sua intelligencia, cujos primeiros alvares tanto promettiam, parou exactamente quando a do europeu começa a adquirir o seu pleno vigor ¹.

E' evidente que ha numerosos individuos que tem sobreshahido da massa e que tem mostrado capacidade extraordinaria. Não era por certo um homem vulgar o fundador do imperio zulu, o celebre Chaka. Mas se as suas faculdades mentaes podem ás vezes ter comparação com as do europeu, a simplicidade da sua credence, e o despropósito da sua imaginação revelam-nos sempre a *creancice*, a tara indelevel da raça negra.

Comparado o indigena actual com o que era o contemporaneo das primeiras relações com arabes e europeus, investigando as suas linguas, usos e tradições podemos mesmo concluir que a raça negra mostra um retrocesso e não um progresso. Johnston chega a dizer que se a Africa tivesse ficado isolada de qualquer influencia arabe ou europeia durante estes quatro ou cinco seculos, se

¹ Ha uma razão anatomica para esse facto, que não cremos possivel negar; a ossificação da sutura craneana faz-se no negro muito mais cedo que nos brancos — dos 15 aos 20 annos, em geral — e faz-se a começar de deante para traz ao inverso do que succede entre os brancos.

tivessem ficado entregues a si proprias as raças negras puras, muito longe de caminhar para um typo mais elevado de humanidade, teriam revertido para um typo talvez nem já humano. Sem ser tão absoluto nem tão pessimista como o notavel africanista inglez, devemos, porém, dizer que não julgamos o negro capaz de adoptar a civilisação europeia. O selvagem precisa primeiro domesticado, tornado auxiliar do branco. E se a influencia de quatro seculos de civilisação não deram ainda resultados apreciaveis, foi, a nosso vêr, exactamente, porque se quiz desde logo civilisar e converter os negros. Não estão ainda á altura de comprehender a civilisação nem, portanto, a religião christã, visto a primeira ser funcção da segunda. Entre nós mesmos, dezenove seculos de christianismo, ainda tem deixado muita selvejaria latente: basta lembrar tanto facto conhecido em epoca de revoluções. A preparação indigena deve pois ser gradual, a sua adaptação á nova fórma social só pôde ser vagarosa. Merece ser cuidadosamente preparada é certo; não podemos nem devemos exterminar o indigena africano, como nos Estados-Unidos se procedeu com os pelles-vermelhas e na Oceania com os tasmanianos. Mas o seu aproveitamento só pôde ser util se lhe dermos leis praticas, isto é, se legislarmos para o indigena de Moçambique, macua, matonga, ou landin, e não para um *individuo de côr preta*, que se quer igual ao branco.

O decreto de 18 de novembro de 69 que tornava extensivo o codigo civil ás Provincias Ultramarinas¹, resalvava em Moçambique os usos e costumes dos indigenas nas questões entre elles. D'ahi a necessidade da codificação d'esses usos e costumes, d'ahi a nomeação de commissões districtaes feita pelo governador geral Francisco Maria da Cunha em 22 de outubro de 1878, para procederem a essa codificação. Uma d'estas commissões² não julgou necessario esse trabalho, porque «os indigenas se conformavam com as nossas leis». As outras pensaram da mesma fórma, naturalmente, e nada se fez. Em 1883 o governador geral Agostinho Coelho incumbia d'esse estudo e codificação o secretario geral da provincia, Joaquim d'Almeida da Cunha, que em 1885 publicava a 1.^a parte do seu trabalho, com o titulo — Estudo ácerca dos usos e costumes dos banianes, bathiás, parses, mouros, gentios e indigenas da provincia de Moçambique, para cumprimento do que dispõe o art. 8.^o § 1.^o do decreto de 18 de novembro de 1869. E ao mesmo tempo annunciava a preparação da 2.^a e 3.^a parte — Da jurisprudencia civil entre os povos da India e entre os musulmanos de Moçambique — e — Da jurisprudencia civil e criminal entre os povos indigenas da provincia de Moçambique. Infe-

¹ Este nome, mostra bem a idéa de tudo assimilar a metropole. Em que se pareceria Provincia Ultramarina de Moçambique com a do Alemtejo ou do Minho, por exemplo?

² A de Moçambique — V. Almeida da Cunha op. cit. Pg. xi e xxxviii.

lizmente só a I.^a parte d'estes preciosos estudos foi publicada, e de novo se parou com a codificação dos usos e costumes indigenas. Em 1889 o governador geral interino José d'Almeida approvava em 11 de maio o Codigo de milandos inhambanenses, em substituição d'um codigo cafreal de 1852, unico que até então existira na provincia, ainda que sem approvação do governo geral, pois mandado á secretaria geral em 1852, era em 1884 devolvido ao governo d'Inhambane para ser examinado e informado pelo capitão-mór das terras da corôa.

Na administração de Mousinho d'Albuquerque, foi uma das suas principaes preocupações o acabar com os absurdos que resultam da legislação assimiladora, introduzindo uma regulamentação adaptada aos indigenas. N'estes principios se basiam o Regulamento para as circumscripções no districto de Lourenço Marques (2 de dezembro de 1896) ¹ e especialmente as portarias, de 8 de abril de 1898 que mandava executar as instrucções para a organização e administração dos territorios continentaes do districto de Moçambique, ² e de 12 do mesmo mez approvando o Regimento de Justiça nos mesmos territorios. Instrucções e regimento foram enviados a os restantes governadores de districtos para proporem as modificações necessarias á adaptação a cada districto. Não hoave tempo de terminar esta codificação porque o commissario regio foi exonerado em 21 de julho, mas o desconhecimento da urgencia d'essa codificação e da realidade das coisas é tal, que essa auctoridade foi accusada de ter ido d'encontro a *usos seculares* em territorios onde mal havia um anno que se fazia sentir a acção do governo e quando capitães-môres e chefes de circumscripção eram prohibidos de intervir no viver intimo, nos usos e costumes das tribus, excepto quando crueis ou inconvenientes para o nosso dominio ³.

III

Sem entrarmos em discussão sobre as causas que nos fazem preferir o monogenismo da especie humana ao polygenismo das suas familias, sem procurarmos destringar as bases das suas classificações e subdivisões, querendo justificar a classificação atraz apresentada das tribus de Moçambique, é-nos necessario e indispensavel subir um pouco acima e indicar, ainda que por alto, em que logar da escala humana as consideramos.

Todos os individuos cuja semelhança entre si é tal que se po-

¹ Da iniciativa do Governador Eça.

² Da iniciativa do Governador Eduardo Costa.

³ M. d'Albuquerque — Moçambique. Pag. 180-184.

dem considerar descendentes de um tronco commum, constituem, segundo Woodward, *a especie*. D'aqui os dois caracteristicos d'ella: a *filiação* e a *semelhança*. Se esta *varia* diferenciando entre si individuos da mesma especie, dá-nos a *variedade*, que, se se propaga e perpetua pela filiação nos dá a *raça*. Os *negros* constituem assim uma das raças da especie humana.

Mas o *habitat* da raça, variando-lhe as circumstancias exteriores da vida, altera-lhe a uniformidade, diferenciando-a conforme as regiões em que é procreada e em que se propaga, Por isso a subdivisão geographica separa os diversos elementos da raça, por isso da raça negra temos como subdivisões os *indo-melanesios*, os *australianos* e os *africanos*.

A diversidade dos *habitat* trouxe a aproximação, o contacto, a convivencia com raças diversas, ou com elementos mais ou menos afastados da raça pura originaria. As raças tornaram-se assim *mestiçadas*, productos da fusão d'esses elementos diversos, e n'ellas varia diversamente o grau de dosagem do sangue primitivo, agrupando-os conforme essa dosagem. O meio mais facil e natural de differenciar esses grupos, de os caracterisar, é pela lingua que falam.

Mas a lingua falada n'uma zona geographica, emquanto não se fixa pela escripta e não se torna litteraria, modifica-se de região para região, e em cada uma varia ainda, constituindo os dialectos falados pelas tribus d'essa região.

Assim, podemos em conclusão descer da especie humana — raça negra — subdivisão africana, — até ao grupo linguisticobantu que na zona geographica de Moçambique se subdivide conforme a classificação atraz exposta.

Foi Bleek o primeiro¹ que propoz ao mundo scientifico o nome *Bantu* para designar as linguas agglutinativas ou agglutinantes, e não sexuaes² faladas n'uma tão grande extensão do continente africano, desde os Camarões na costa occidental, passando ao norte do Lago Victoria, até Lamue no Oceano Indico, até ao Kunene, ao Ngami e ao Kei. *Bantu*, gente, é o plural de *Muntu*, pessoa, na maior parte das linguas d'este grupo. Este termo é principalmente usado pelos indigenas quando falam de si proprios, por opposição aos brancos. E qualquer que seja a opinião a respeito

¹ Comparative grammar of South African Languages.

² As linguas do grupo hottentote-bushman differem do bantu:

1.º — Pela grande abundancia dos estalidos. 2.º por um systema grammatical baseado quasi exclusivamente em suffixos indicando os sexos, ao contrario do mecanismo da grammatica bantu que se baseia em prefixos que nada tem com os sexos. Bleek chegou mesmo á conclusão notavel de que todas as linguas sexuaes conhecidas, tanto na Africa como na Asia e na Europa eram membros de uma vasta familia cujo typo primitivo se tem conservado melhor na lingua hottentote. (V. Torrend, op. cit. introdução pag. XVI.)

do seu emprego ou de ser correcta a sua applicação, está hoje admittido e não nos podemos servir d'outro ¹.

E' facto que alguns auctores chamaram a essas linguas, linguas *cafres*. Derivada da expressão arabe *Kafir*, infiel, pagão, é facto que a palavra *cafre* abrange toda a raça negra, e nos nossos primeiros escriptores se dizia indistinctamente um cafre mocaranga ou um cafre macua. Tambem chamavamos *cafraria* a toda a terra dos negros de qualquer das costas. Os inglezes, porém, localisaram esse nome á região entre a colonia do Cabo e Natal e especificaram com o nome de *Kafir* a tribu dos *Xosa* ou *Kosa* que habitava essa região e por analogia, por serem oriundas da mesma estirpe, os zulu, os mussuates, os matabele e os mangune. A estas tribus cabe hoje especialmente o nome de *cafres*, e ao grupo de linguas por ellas falladas é que se applica o nome de *grupo cafre*. Não nos é licito, pois, generalisar este nome a todas as linguas bantu ainda que etymologicamente fôsse verdadeiro.

Apesar de apresentar já uma numerosa bibliographia, o estudo das linguas bantu pôde dizer-se ainda em principio, e não é sequer possivel apresentar uma classificação scientifica. Cust e Torrend seguem, porém, um methodo geographico, levando em linha de conta algumas affinidades obvias entre diversos dialectos. Assim as linguas bantu separam-se em tres divisões, *central*, *kua* e *fernandiana*, dividindo-se ainda as duas primeiras em partes, oriental e occidental. E em cada uma d'estas partes, é que se juntam em differentes grupos os dialectos a fins, recebendo o grupo o nome do dialecto principal.

Assim a parte oriental da divisão central, comprehende na provincia de Moçambique os seguintes grupos:

Grupo cafre... { Mussuate.
Tavalla ou tebele (matabele).
nguni ou vatua.

Grupo Karanga { Karanga, propriamente dito.
Vumbé ou ma Kalaka.
shona e nica (de Manica).

Grupo de Sena { Lingua ou cafre real de Sena.
> > > de Tete.
> > > do Zumbo.
> > > do Nyassa.

Grupo Suahili.
> Ibo.
> Ajau.

¹ A. F. Nogueira na *Raça Negra* nota com muita razão o mal escolhido d'este nome: dizer linguas *bantu*, equivale a dizer linguas *gente*. O nome está porém, hoje admittido, e chamal-as sul-africanas como propoz Whitney seria talvez levar o sul muito para o norte. V. Nogueira. op. cit. Pg. 261. Além de que o hottentote não é da mesma familia linguistica que o *bantu*.

A parte occidental da mesma divisão comprehende as linguas d'Angola. N'esta provincia, a palavra *m'bunda* é nome generico applicado a muitas tribus, e tornou-se synonymo de *negro*. E d'ahi as linguas d'Angola receberam o nome tambem generico de *Quimbundo*, ou lingua *bunda*. «Estas palavras de *Bundo* e *Abundo* tanto na lingua do Congo, como na de Angola, não significam outra coisa mais que *Batedor* e *Batedores*, isto é, vencedor e vencedores; d'onde allusivamente podemos dizemos que estes povos se chamam *Abundos* e sua lingua *bunda*»¹. Mas esta linguagem differe muitissimo dos dialectos da parte oriental, e só no velho dialecto estudado pelo padre Canecatim, se encontram algumas relações com o *Togo* (tonga de Torrend). Não ha, pois, interesse no estudo do *Quimbundo*, nem esse estudo tem utilidade para o dos dialectos que nos occupam.

A parte oriental do grupo *cua*, comprehende o macua e os dialectos d'Inhambane. Quando reparamos na vasta area habitada pelas tribus bantu, não podemos deixar de notar com espanto que tantos milhões de selvagens, separados ha talvez 2:000 annos do seu tronco commum fallerem ainda linguas com tão proximo parentesco. Se os seus habitos, os seus usos e costumes, tão pouco variaram desde essa epocha remota e se tão pouco ainda hoje se differenciam os das diversas tribus, foi porque as suas necessidades intellectuaes tambem não soffreram modificações ou alterações sensiveis. Se o meio de transmissão do pensamento se conservou estacionario, vasado nos mesmos moldes em que se achava ainda antes da era christã, parece-nos que deve ter sido porque esse pensamento não alargou a sua esphera de acção, porque não houve na raça negra durante este tão longo espaço de tempo conquista intellectual nem em artes nem em *sciencias*; a sua intelligencia não sentiu necessidade de abraçar mais ideias que as que podiam então germinar no seu cerebro. Não crêmos que este facto seja muito em abono da *capacidade de progresso* da raça negra.

As differenças entre as linguas bantu não são, de facto, comparaveis as que existem entre duas linguas quaesquer do grupo indo-aryano; segundo Torrend as suas maiores discrepancias não as separam mais do que o Francez se separa do Italiano. Indicaremos por isso primeiro de preferencia os seus caracteres communs. Para os comprehender devemos porém dizer que seria preciso abstrahir das nossas noções de grammatica europeia, esquecer os termos a que estamos habituados e considerando em si mesmo esse *fallar* africano, procurar-lhe as leis proprias descobrindo-lhe o genio. Nem devemos nunca esquecer que o *intellecto* do negro é muito differente do nosso; e sendo a linguagem o modo mais authentico e mais preciso da sua actividade, é natural encontrar-

¹ Fr. Bernardo Maria de Canecatim, Diccionario da lingua bunda.

mos n'ella, meios de exprimir o pensamento, muito differentes tambem dos nossos.

O que torna possivel o agrupamento da immensa variedade de linguas que constituem o grupo bantu, é a unidade e semelhança de sua estructura grammatical. Todos repartem os seres n'um certo numero de classes nas quaes não existe o character sexual. Esta classificação é estabelecida por meio de prefixos, ante postos primeiro aos substantivos e depois repetidos, ás vezes sob fórmulas ligeiramente modificadas em toda a phrase em que entra esse substantivo, e antes de cada expressão que tem de concordar com elle.

Estes prefixos chamados *caracteristicos*, e mais vulgarmente *classificadores*, comprehendem em cada classe as duas fórmulas singular e plural, e pela reunião das duas se designam as classes.

Em landim de Lourenço Marques, *ronga*, e na lingua de Tete, estas classes são respectivamente oito e sete comprehendendo successivamente.

1.^a — mu·(b) pessoas — *mu'ntu-b'antu*. N'esta 1.^a classe se comprehendem sempre os nomes de tribus e nacionalidades.

2.^a — mu-mi, arvores — *mu-dikua, midikua* (palmeiras).

3.^a — Ji-ti (m-sin) animaes — *Yingue, Tiyngue*, leopardos; *mbarame, zimbarame* aves.

4.^a — li ti (chi-bzi) orgãos — *lihohe, tihohe*, palpebras — *chara, bzara*, dedos.

5.^a — di-ma — fructos, flores; *boma, maboma*, limão; *dzi-rua, ma-rua*, flôres.

6.^a — (b) ma-noções abstractas, *bunere*, a bondade; *utende, mantende*, riquezas.

7.^a — si — instrumentos — zifambo, sapatos.

8.^a — Ku, acções — *Kuda*, comer, *Kufamba*, comer ¹.

Com dois exemplos poderemos agora mostrar a concordancia intima, a unidade visivel para assim dizer entre o substantivo e as palavras que o modificam, ou indicam na phrase essas modificações. A relação entre essa concordancia salta aos olhos e desde logo se percebe o mechanismo das linguas bantu.

<i>Ti homa</i>	<i>toleti</i>	<i>hi tini?</i>	<i>Tinene</i>
os bois	estes mesmos	é os quaes?	São bellos
<i>bhanu</i>	<i>bangani?</i>	Homens quantos	
<i>Tihoma</i>	<i>tingani</i>	Bois quantos	
<i>Tihoma</i>	<i>leti</i>	ti fambaka	
os bois	estes que	andam	
<i>Bhanu</i>	<i>leti</i>	ba fambaka	
os homens	estes que	andam	

¹ As letras entre parenthesis são as que se elidem nos prefixos da lingua de Tete: os prefixos entre parenthesis são os especiaes d'essa lingua. N'ella não existe a 7.^a classe que é em regra comprehendida na 4.^a. A 8.^a comprehende em geral os infinitos dos verbos empregados substantivamente.

Quando atraz dissemos que nas linguas bantu se não conhecia a classificação sexual, não queríamos porém dizer que a ideia de indicar os sexos por uma alteração na terminação ou por uma terminação especial, não exista n'essas linguas. Em geral a determinação: *macho* ou *femea* é accrescentada á palavra, ex.: *bongolo utune*, burro macho, *bongolo ntzele*, burro femea. Mas em muitas palavras, ha uma particula especial para designar o sexo feminino; tal é a terminação *ati* em ronga. ¹ Assim da palavra *rara*, pae, fez-se *rarakati*, o pae femea, (irmã do pae); de antu, homem, se fez *ansati* mulher, *nsati*, esposa; as terminações *ati* e *azi* em *mati*, *mazi*, agua, indicam tambem um elemento feminino. Mas ha muitas outras palavras que por si proprias trazem a ideia do sexo, independentemente de qualquer terminação: taes são as appellações dos rapazes e raparigas entre si, ex.: *mbuten*, *bambuten*, rapaz, rapazes; *nuawene*, *bamwine*, rapariga, raparigas; é como uns e outros se chamam entre si.

Tambem sobre os prefixos ha algumas observações a fazer. O togo ou tonga do Zambeze que Torrend considera a lingua typo, tem cinco classes a mais que as linguas que nos interessam na Provincia; uma classe *ku-ma* contendo alguns orgãos do corpo humano, outra *Ka-tu*, de diminutivos, ambas pouco numerosas, e tres de locativos, em *pa*, *mu* e *ku*.

As duas primeiras desapareceram de todo: as outras tres deixaram curiosos vestigios. Assim por ex. *inganda*, casa; locativo *muganda* na casa ou no interior da casa; e este prefixo *mu*, é anteposto a substantivos para lhes dar uma ideia local; assim se diz *muganda*, *mulasia*, dentro da casa, é escuro dentro. O mesmo acontece com os prefixos *ku*, movimento para, e *pa*, proximidade de.

Se as classes locativas desapareceram, vemos comtudo que deram logar a formas adverbias invariaveis que já se não constroem como os substantivos.

Se levarmos a comparação entre as classes de prefixos dos diversos dialectos, mais longe do que deixamos indicado para o *ronga* e a lingua de Tete, se compararmos entre si os diversos dialectos do mesmo grupo veremos que alguns dos prefixos se fundem nos d'outras classes; o seu numero tende pois a diminuir á medida que as classes se vão fundindo umas nas outras e reduzindo. E' o que Junod chamou *a lei de simplificação* na evolução das linguas bantu. E' provavel, já acima o vimos na lingua typo de Torrend, que as classes fossem muito mais numerosas primitivamente, quando os prefixos eram talvez palavras independentes, com um sentido proprio e preciso, e juntando-se aos radicaes primitivos para lhes variar as noções. Mais tarde, tornando-se simples elementos grammaticaes, conservaram ainda o seu sentido e as suas funcções, mas perdendo a sua individualidade, o

¹ Em vatua, *azi*; *incosso*, chefe, *incossikazi*, mulher do chefe.

seu valor proprio, tenderam a unir-se, a confundir-se uns com os outros. Assim resultaria que quanto mais o systema dos prefixos é completo e complexo, mais a lingua conservou o seu character archaico; e vice versa: menos diversos são os prefixos, mais moderna é a lingua. E assim podemos em geral concluir grammaticamente que as linguas quanto mais para o sul, mais modernas são; o que coincide perfeitamente com a nossa historia das migrações successivas das tribus bantu e da sua origem do norte central africano.

A prefixação, excluindo qualquer outro processo formativo, constitue uma originalidade das linguas bantu; o character flexional do vocalismo é o outro. E elles ambos indicam quanto estas linguas se acham adiantadas sobre as outras agglutinantes.

Da prefixação já exemplificámos o bastante. E não podemos fazer outro tanto para a *phonetica*, pois nas suas curiosidades, digamos assim, está na sua essencia, a razão das differenças entre essas diversas linguas. Assim, como todas as linguas agglutinantes, o bantu tem uma repugnancia especial para a accumulção de consoantes, e prefere sempre as syllabas terminando em vogaes. ¹ As modificações phoneticas que affectam consoantes, que são quasi todas, proveem da differente conformação dos labios, do nariz ou dos dentes, variando segundo os usos de cada tribu, como já atraz tivemos occasião de referir.

As nasaes *n* e *m*, tambem geralmente modificam as consoantes que antecedem.

As modificações phoneticas respeitando as vogaes, são muito menos numerosas e affectam em geral ou as vogaes que principiam palavras, pela *nasalisação*, (*injila*, *njila* entrar) ou duas vogaes que se succedem elidindo a mais fraca (fua, fwa, *fa*, morrer). Não devemos esquecer uma particularidade que contribue bastante para a alteração dos dialectos bantu. A mulher não pôde pronunciar uma palavra que contenha um som existente no nome dos seus mais proximos parentes masculinos na linha do marido. A violação deste costume é considerada uma falta de respeito para com elle. D'ahi a necessidade de usarem palavras differentes do vocabulario usual. A este estranho costume se chama *ukuhlonipa* ².

Tambem muitas vezes, o respeito pelo chefe impede que se lhe pronuncie o nome, sendo substituido por outro. E' um costume analogo que em Tahiti prohibia o uso das syllabas de que se compunha o nome do rei. Calcule-se o que complicações desta ordem podem ter dado, no decorrer de seculos, para a alteração d'uma lingua.

¹ Exemplo, todos os derivados de verbos portuguezes — *Kufumari*, *Kupagari*, *Kuchemera*, (fumar, pagar, chamar.)

² V. Johnston, op. cit. Pg. 452 e Theal, op. cit. Pg. 62. Cf com Lefevre. Races et langues, Pg. 119.

Tendo indicado os caracteristicos das linguas bantu e as causas das suas alterações; poderemos agora differenciar os grupos, e indicar as relações entre os diversos dialectos de cada uma. Assim terminaremos indicando quaes os principaes e mais fallados na Provincia ou mais facilmente comprehensíveis em maior area della.

Dos grupos linguisticos da Provincia, o macua ¹ muito tempo isolado entre o Rovuma e o Zambeze, o Nyassa e o mar, representa uma das primitivas fórmas do Bantu. Conservando muitos radicaes primitivos, alterou, porém, consideravelmente os prefixos, e a sua phonetica especial deu-lhe uma feição peculiar que torna os seus dialectos tão especiaes entre os da restante familia bantu da qual parecem parentes afastados. O *t* é constantemente substituido por *r* e *z*; o *k* por *f*; o *h* por *s*. As nasaes são em geral dentalizadas, e esta especialidade estabelece a ligação do *macua* com o *chuana* e os seus dialectos, o *suto*, o *thlaping*, o *kololo*, mostrando assim a commuidade de origem entre tribus tão largamente dispersas no Continente africano ².

O que dizemos do Macua applica-se ao dialecto de Quelimane, o *Chuabo*, seu representante mais meridional. Em todos elles os prefixos tomam fórmas quasi inexplicaveis; duas classes delles, porém, são communs com o *ajau*, e estabelecem o parentesco com esta lingua para nós de pouca importancia pois é só fallada por uma tribu. Tanto mais que as antigas relações de ajaus com os *arabes* de Zanzibar, e a influencia delles em toda a Costa até ao Zambeze, diminue a importancia dos dialectos indigenas, cedendo o logar á *lingua franca* da Costa oriental, desde o Guarda fui ao Zambeze, da *lingua franca* tambem da região do Nyassa, o *Suahili* ³.

O fundo das palavras desta lingua, a sua grammatica, são puramente bantu. Vinte cinco por cento do seu vocabulario, é porém, arabe corrompido. E a influencia arabe simplificou-lhe a grammatica, e deu-lhe uma dicção copiosa, apta para exprimir quasi todas as ideias com precisão e clareza. A pronuncia arabe é *bantuisada*, da mesma fórma que a portugueza, por exemplo; as consoantes não terminam palavras, e a euphonia especial dos negros suavisa as consonancias difficeis á sua pronuncia. *Ilm*, sciencia, torna-se em *suahili*, *elimu*; *aql*, intelligencia, em *akili*. E estes dois vocabulos, de que não existem congenes em nenhuma outra

¹ Ki — makua ou I-makua — Ki é o prefixo indicando especie ou genero e em geral applicado ás linguas, Kisuahili, Kinyanja etc. Dizemos porém em regra o macua, o suahili para evitar *purismos* desusados, pois deveriamos tambem os *macua* e o *cua* etc.

² Torrend, Comparative Grammar — Pg. 38 e seguintes.

³ Hoje os seus mais constantes propagadores são os negociantes mouros de Zanzibar e os das Comoro, conhecidos pelo nome suahili destes ultimos, *mujobo*, d'onde nós fizemos *mujojos*.

lingua bantu, mostram-nos a influencia civilisadora do suahili¹, tão singularmente adaptada para ser a lingua universal Africa da *Centro-Oriental*, digamos assim.

Não ha europeu a quem seja possivel aprender a fallar os variadissimos dialectos dos macua, ajau, baganda, avamba, etc. Tambem não é natural suppôr que mesmo dentro d'um seculo esses indigenas fallarão inglez ou portuguez. O suahili resolve o problema. Qualquer europeu que falle a lingua franca de Zanzibar está apto a fazer-se comprehender desde o Zambeze ao Nilo Branco. Do Zambeze ao Save, temos na classificação linguistica dois grupos, *Karanga* e *Sena*. O *cafrial* de *Sena* não é tão fallado em Sena propriamente dito, como em Tete, nas margens do Nyassa (chi-nyanja ou chi-nyassa).² O *cafrial* do Zumbo, os dialectos *n'bara* do Aruangoa, o dialecto de Sofala³ a que Bleek se refere, são simples variedades da lingua de Sena. Isto mostra a extensão da area em que é fallada. Com o *Karanga* tem intimas semelhanças, pois tem de commum com elle as suas tres feições caracteristicas: 1.º prefixo classificador *mu* das classes *mu-ba* e *mu mi* reduz-se a *n* excepto perante os labiaes. 2.º onde as outras linguas tem *z*, *v* ou *f*, o *cafrial* do Sena substitue sons labiaes ou dentaes — im-vuvu, hippopotamo, diz-se em Sena, *m-bu* e em Tete *m-bou*; 3.º O *b* desaparece ou é elidido, *Ku-bona*, ver, Ku-ona (Sena) *bantu*, gente, *antu*.

As linguas da maravia, da makanga, maganja, sengas e mazaro, são ainda dialectos chinyanja, assim como o massingire. O prefixo *bi* em alguns d'estes dialectos transforma-se em *vi*, em *byi* e *pyi* e até em *bsi* e *zi* que é já uma forma Zulu.

A lingua *podzo* de Johnston, fallada no delta do Zambeze, contem muitos radicaes primitivos que se não encontram nos dialectos visinhos, e mantendo muito fortes affinidades com o chinyanja a cuja familia pertence, tem sido todavia muito influenciada pelo *chuabo* que é, como vimos, o ultimo dialecto macua.

As linguas da Machona e de Manica, são dialectos karanga, como já atraz notamos, mas mais proximos do *cafrial* de Sena que o karanga propriamente dito. Isto justifica a nossa classificação das tribus, apresentada na primeira parte d'este trabalho. Mas no

¹ Não deve tambem esquecer que o suahili é correntemente escripto em caracteres arabes; isto é reduz-se á escripta naturalmente, o que tambem não acontece as outras linguas bantu.

² *Nyanza*, ou *Nyanja*, *Nyassa* ou *Nhaça* são formas diversas da mesma palavra, *lago*.

³ Chi-Nyanja tem em lingua de Tete a forma Chi-Nyungwe, derivada de Chi-Nyai, ou lingua dos Ba-Nyai; ora estes Ba-Nyai, que Courtois diz serem o povo principal do monomotapa, eram apenas a gente de guerra de esse imperio, eram os *munhaes* dos nossos escriptores classicos. Elles deixaram, com bem pouca alteração no nome, os *vanhai* ou *uanhai* de Sofala. Ainda hoje a sua tradição diz-lhes terem sido cipaes ou soldados do monomotapa que levaram o imperio da raça mocaranga até ao Incomati (V. Estudo acerca dos usos e costumes dos... indigenas de Moçambique por J. d'Almeida Cunha -- Pg. 104.

grupo *mocaranga* é o cafral do Sena a lingua mais fallada, e com ella se faz um europeu comprehender desde o Save e o Pungue ¹ até ao Zambeze e ao Nyassa.

Temos finalmente ao sul do Save o grande grupo tonga. Torrend notou que os dialectos de Lourenço Marques e Inhambane pareciam estabelecer uma transição entre o macua e o zulu. Junod vae mais longe, e das suas analogias phonologicas conclue que o seu parentesco permite comprehendel-os n'um grupo bantu, *meridional oriental*. O traço commum a todas as linguas d'este grupo é a presença e a frequencia dos sons que Torrend chamou *lateraes*, *dl*, *tl*, *hl*, *dlh*. Estes sons, porém, nunca se encontram nos elementos grammaticaes (prefixos e terminações) das linguas; parece terem sido introduzidos modernamente e sob a influencia d'uma causa difficil de precisar. Talvez fosse a influencia Zulu que os introduzisse, tanto mais que certas palavras do velho bantu, que nas linguas deste grupo meridional se encontram transformadas sob essa influencia, conservam a sua fórma primitiva nas mais antigas destas linguas; assim *nono*, bello, bonito, em Togo, *na ki* em Karonga é *hla* em Zulu, e *nene* em Tonga. O Zulu trouxe ainda outra especialidade, os estalidos hottentotes, tão vulgares no anguni ou vatua. São porém totalmente desconhecidos nos dialectos tonga.

O Zulu e o Tonga, porém, representam dois ramos do mesmo tronco. Muitas palavras são communs aos dois grupos, outras differem pouquissimo. Não deve porém esquecer que o Zulu sob a fórma vatua exerce a sua acção desde a época de Manicusse, e já atraz dissemos os meios de que os chefes vatuas se serviam para introduzir a sua lingua. Mas com todo o seu poderio elles não representavam senão uma nacionalidade restricta, que dominava todas as outras sem as ter apagado e sem ter destruido a sua tendencia á separação. Seria hoje curioso estudar, sob este ponto de vista, as consequencias da perda desse dominio. Seja porém como fôr, a accentuação especial do vatua, a sua aspiração, o cantante do seu fallar, exerceram uma influencia notavel sobretudo nos dialectos mabuingella. Delles tambem o mais fallado, o mais geralmente comprehendido, é o *ronga* de Lourenço Marques; com elle tambem um europeu se faz facilmente entender do Maputo ao Save.

Já notámos anteriormente a relação quasi mathematica que existe entre os diversos ramos da arvore linguistica bantu. A grammatica comparada de Torrend, tantas vezes citada não é senão uma demonstração desta verdade. Na de Junod, especial ao dialecto *ronga*, poderemos ir buscar uma demonstração analoga para os dialectos da mesma lingua; succedem-se como os

¹ A maior parte das palavras apresentadas no relatório do capitão Renato Baptista, como pertencendo a um dialecto do Busi, são cafral de Sena.

quadrados d'um taboleiro de xadrez, em que de côr em côr se fosse passando por transições graduas.

Assim entre o dialecto da Cossine e o do Maputo, este onde não existe o *r*, e aquelle onde esse som é o caracteristico, estão os de Lourenço Marques e do Intimane em que o som é intermedio entre *l* e *r*. O *d* e o *t*, cerebraes d'estes dialectos, são dentaes em valengue e nos seus dialectos; são até as suas characteristics. O *g* que apparece nos dialectos desta familia estabelece a ligação com chope, que é uma lingua contigua. Assim estes tres sons caracterisando tres dialectos, indicam-nos logo a que familia pertence o indigena que ouvimos. Da mesma fórma o *astalido* nos revela um vatua ou vaturalizado.

Podemos pois resumir em conclusão que com o *suahili*, a lingua franca da costa oriental, do Guarda fui ao Zambeze, a lingua franca da região dos lagos, com o *cafrial de Sena* desde o Pungue ao Zambeze e do Aruangua ao Chire, com o *ronga* ou *landim de Lourenço Marques* desde o Maputo ao Save, temos as tres linguas, mais falladas na provincia, as linguas de communicacão nas suas tres grandes divisões geographicas.